

TELMA ANDRADE CALDEIRA



SER OU NÃO SER UM JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE:

um estudo de caso acerca do abandono
em cinco igrejas da cidade de São Paulo

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo , como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. *Edin Sued Abumanssur*

SÃO PAULO

2012

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	3
<u>1o. A IPI como ramo do cristianismo</u>	8
<u>2o. O movimento da Reforma do século XVI</u>	8
<u>3o. O caráter puritano da Confissão de Fé de Westminster</u>	10
<u>4o. O presbiterianismo americano e o destino manifesto</u>	11
<u>5o. A implantação do presbiterianismo no Brasil</u>	11
<u>6o. A IPI e suas raízes. A demonização da cultura brasileira</u>	12
<u>7o. A IPI e o mercado religioso brasileiro</u>	13
PARTE I - A história da IPI, sua inserção na sociedade brasileira e a trajetória institucional do jovem presbiteriano independente.	
Capítulo 1 - A IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL:	
formação, história, doutrina e sistema de governo	15
Capítulo 2 - O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO:	
a inserção do presbiterianismo no Brasil	26
Capítulo 3 - A TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DO JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE	
PRESBITERIANO INDEPENDENTE	32
Parte II - POR QUE O JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE ABANDONA A IGREJA?	
<i>Pesquisa de Campo, um Estudo de Caso acerca do Abandono em cinco Igrejas da Cidade de São Paulo</i>	
Capítulo 4 - POR QUE O JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE ABANDONA A IGREJA?	
Análise e Síntese das Informações Coletadas	39
<u>4.1. Caracterização das Igrejas quanto ao Rol de membros e Data de Organização</u>	39
<u>4.2. Síntese</u>	39
<u>4.3. O percentual jovem em cada igreja pesquisada</u>	40
<u>4.4. Tabulação das Respostas Fornecidas pelos Jovens em Questionários Aplicados</u>	40
4.4.1 O tradicionalismo, conservadorismo, alienação do contexto histórico atual	43
4.4.2. Insuficiência de Atividades Atraentes ao Jovem/ Falta de Investimento no Jovem	47
4.4.3. Decepções, Desavenças, Desentendimentos mal Resolvidos e Falta de Comunhão	48
4.4.4. Falta de acolhimento	49
<u>4.5. Relatos a Partir da Observação Direta</u>	50
<i>Considerações finais</i>	53
<i>Referências bibliográficas</i>	61
<i>Anexos</i>	64

Introdução

Durante os últimos cinquenta anos, a comunidade presbiteriana independente tem experienciado o empenho e as dificuldades em conservar seus membros e em crescer numericamente. Diversas mobilizações no sentido de reverter esse estado-de-coisas têm redundado em resultados pífios.

Em meados de 2009, o Relatório da Assessoria de Estatística da Igreja Presbiteriana Independente (IPI) a partir dos dados de 482 igrejas – 96% do total – constatou que em 2008 a Igreja tinha apresentado diminuição de 1,42% de seus membros. Em 2007 a queda tinha sido de 1,63%.

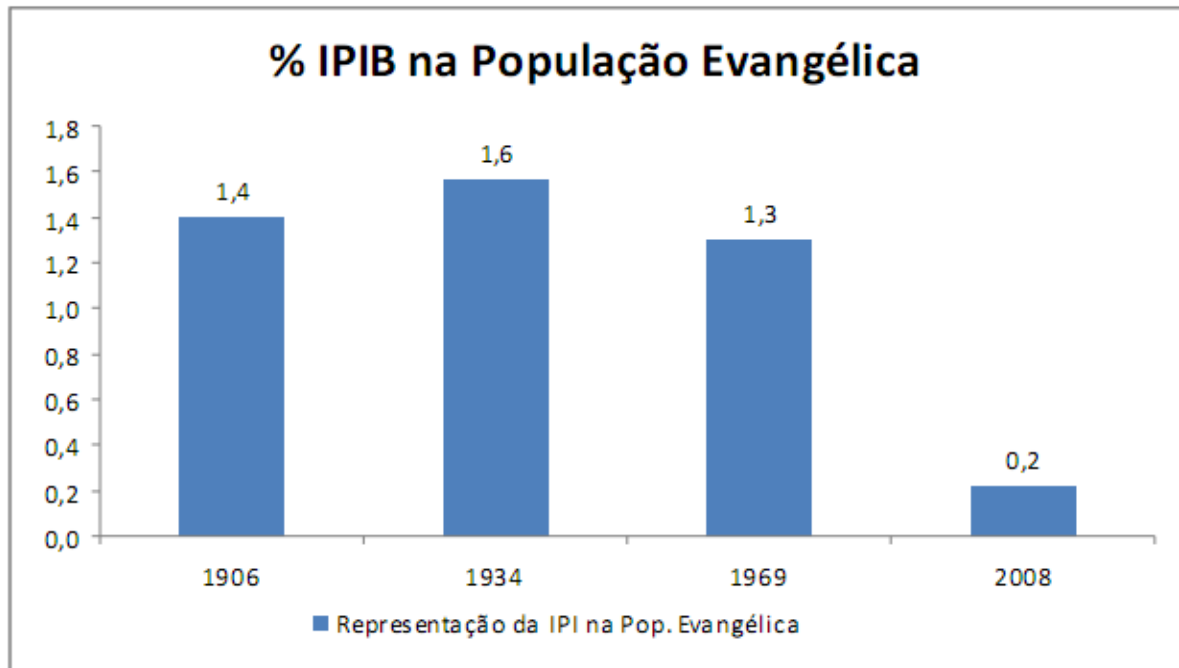
Em maio de 2011, o mesmo Relatório apresentou perda de 1,8%, agora a partir de 435 igrejas. *“Comparado com o relatório anterior, percebemos uma contínua diminuição de membros de nossa denominação”* (IPI DO BRASIL, Caderno Especial de Atas. SP:maio de 2011, p. 11 e 12) foi a declaração-síntese do documento.

Sou presbiteriana independente desde os 26 anos e esta foi a mola propulsora para minha tomada de decisão em pesquisar a respeito. Devido à abrangência do campo estar além de minhas possibilidades de observá-lo, restringi meu objeto de análise ao jovem da Igreja, segmento em que tenho constatado, durante meu longo tempo de pertença, uma maior incidência de abandono e delimito o campo a cinco igrejas presbiterianas independentes da cidade de São Paulo.

Pesquisar os fatores que têm provocado, favorecido ou contribuído para o abandono da Igreja pelo jovem presbiteriano independente municiará a comunidade acadêmica de reflexões e considerações relevantes quanto à natureza do enfrentamento de desafios que uma igreja protestante histórica tem construído numa sociedade marcada pela desterritorialidade, imediatismo e fluidez nos vínculos.

Não é do conhecimento da pesquisadora algum acompanhamento estatístico com respeito à situação numérica dos jovens presbiterianos independentes ao longo dos 108 anos da instituição.

Apresentamos abaixo a situação da IPI do Brasil na sua relação com os evangélicos nos anos de 1906, 1934, 1969 e 2008.



Relatório da Assessoria de Estatística da IPI do Brasil, 2008, p. 11.

A porcentagem da IPI na relação com os evangélicos foi diminuindo a partir de 1934. Entre 1906 e 1969, o crescimento dos presbiterianos independentes era maior do que o crescimento dos evangélicos no Brasil. Contudo, entre 1970 e 2008, houve uma queda significativa.

Vários estudos já foram elaborados no que diz respeito ao decréscimo entre os protestantes históricos. Não se trata de um estudo específico ao jovem presbiteriano independente, mas é relevante citar as seguintes obras: **O Celeste Porvir** (MENDONÇA, 1995), **Introdução ao Protestantismo** (MENDONÇA; VELASQUES, 2002), **Protestantes em Confronto** (LIMA, 2005) e **Por uma Sociologia da Produção e Reprodução Musical do Presbiterianismo Brasileiro: a Tendência Gospel e sua Influência no Culto** (DOLGHIE, 2007).

Considerando, conforme MENDONÇA (1995, p. 156), que o protestantismo não triunfou na sociedade brasileira, devido a forças negativas internas, como seu excesso de institucionalização e seu intelectualismo, e externas, por sua militância numa contra- cultura (o protestante não deve jogar, dançar, beber, ir a festas etc.. Deve só trabalhar e ler a Bíblia), não é de se admirar sua inexpressiva inserção social e, conseqüentemente, seu baixo percentual de adesões.

Se o perfil presbiteriano independente não acusa propensão à adesão devido às forças negativas já mencionadas, quem abandona a Igreja, em sua maioria, é aquele que fazia parte dela desde o seu nascimento.

Esta é a situação que tem causado perplexidade à pesquisadora. Que fatores influenciam o

abandono daqueles que nasceram em famílias presbiterianas independentes, daqueles que foram criados, formados, sob o ethos reformado?

A hipótese desta pesquisa é a de que os jovens presbiterianos independentes tenham abandonado a IPI por não conferirem legitimidade às expressões cúlticas adotadas pela Igreja e às formas de interação praticadas por seus membros.

Tomam a expressão cúltica como inapropriada a facilitar o encontro do jovem com Deus, por expressar formas de aproximação que não atendem mais às necessidades espirituais da atualidade.

Acreditam estar a dinâmica relacional vivenciada pelos membros em geral distanciada das práticas da igreja cristã, conforme os ensinamentos dos evangelhos.

Os objetivos desta pesquisa são:

1o. Levantar alguns fatores que tenham provocado, contribuído ou favorecido o abandono da Igreja pelos jovens presbiterianos independentes.

2o. Clarear os fatores situacionais que alimentam a tensão entre os membros adultos e os jovens presbiterianos independentes.

3o. Explicitar, sob a ótica do jovem presbiteriano independente, o distanciamento entre os valores vivenciados entre os membros da Igreja e os valores genuinamente cristãos, consubstanciados nos evangelhos.

A situação de abandono da igreja pelos jovens presbiterianos independentes foi observada em cinco IPIs da cidade de São Paulo.

O período da pesquisa está compreendido entre julho de 2010 e dezembro de 2011.

Jovem presbiteriano independente é uma pessoa de 13 a 38 anos, solteira, que tenha formalizado seu compromisso de integrar os quadros da Igreja, mesmo que, posteriormente, tenha deixado de frequentar as reuniões da instituição. O limite mínimo e máximo de idade baseou-se nas experiências das Igrejas pelas quais a pesquisadora passou no processo de escolha do objeto de estudo, que incluem na Coordenadoria Local da UMPI, União da Mocidade Presbiteriana Independente, órgão de organização dos jovens em cada igreja, os membros da faixa acima, acatando a flexibilidade admitida no Estatuto da Coordenadoria em seu “ Artigo 2o. Parágrafo único: O limite de idade pode ser flexível de acordo com a realidade de cada coordenadoria local.”

Presbíteros são os representantes imediatos dos fieis, eleitos nas Assembleias, dentre seus membros, que, juntamente com os pastores, assumem a superintendência dos interesses espirituais da

Igreja a que pertencem, zelando pelo interesse de toda a comunidade.

Pastor é um ministro ordenado pela Igreja para dedicar-se ao exercício de funções eclesiais exclusivas, tais como a celebração do casamento religioso com efeito civil, a supervisão da liturgia e a ministração dos sacramentos (batismo e eucaristia) e funções eclesiais gerais, tais como superintender os interesses espirituais da Igreja local que o ordenou.

Diáconos são oficiais eleitos em Assembleias cujas funções são manter a ordem e reverência no templo durante os cultos e trabalhos coletivos, visitar enfermos e abandonados, assistir aos necessitados e estabelecer programas sociais.

O trabalho foi dividido em duas partes. Na primeira- capítulos 1, 2 e 3-, a pretensão foi delinear a identidade organizacional da Igreja, bem como caracterizar a natureza do enfrentamento vivenciado por ela diante da necessidade de delimitar seu campo religioso institucional numa sociedade marcada pela secularização, pelo culto à individualidade, pela diversidade na oferta de crenças, institucionalizadas ou não, e pela “bricolagem “ entre elas.

No capítulo 4, foram apresentados os dados, a análise e a síntese da pesquisa de campo. A metodologia escolhida na condução da pesquisa foi a qualitativa porque foram consideradas, principalmente a fala dos jovens, dos líderes e obreiros, bem como a interpretação dada pela pesquisadora às situações observadas no sentido de a expressão – fala dos jovens, líderes e obreiros – legitimar a observação.

É importante considerar, no entanto, que aspectos quantitativos contribuíram no delineamento do perfil dos sujeitos e no levantamento das principais significações dadas por eles à situação que é objeto de estudo.

A pesquisadora se valeu, para a coleta dos dados, das seguintes fontes de informação e instrumentos :

- 1o. Situações de interação entre os membros: cultos, estudos bíblicos, encontros sociais, ensaios, reuniões informais, na forma de diários da observação direta;
- 2o. Registros escritos, na forma de boletins, atas, artigos em jornal da instituição, agenda de membros com seus endereços, telefones e *e-mails*;
- 3o. Pessoas que detêm a informações referentes ao objeto da pesquisa: os jovens, a liderança, (pastor, presbíteros e diáconos) e obreiros atuantes, na forma de questionários, entrevistas e depoimentos.

A pesquisadora visitou igrejas, consultou relatórios, registros escritos, conversou com

membros, assistiu a cultos, estudos bíblicos, elaborou entrevistas, aplicou questionários, com o intuito de detectar “ *a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e as escolhas, opiniões e afinidades do sujeito* ” (CHIZZOTTI, 1991, p. 79).

O estudo dos registros escritos e orais focalizou a representação que o sujeito construiu ou tem construído da forma presbiteriana de governo, do seu sistema doutrinário, de sua liturgia, de seu estilo e modo de vida.

As questões que compuseram o questionário para líderes e obreiros atuantes foram depreendidas da leitura de um artigo em que os autores propõem elementos de uma agenda de pesquisa para o estudo dos movimentos religiosos e a elaboração de uma base para o estudo comparativo dos movimentos religiosos, intitulado **Doing Field Studies Of Religious Movements : An Agenda**, da autoria de Susan Pitchford, Christopher Bader e Rodney Stark, professores do Departamento de Sociologia da Universidade de Washington.

O questionário para jovens apresentou questões visando caracterizá-los enquanto membros, questões acerca de sua opinião e a justificativa que eles mesmos têm dado a ela. Para identificar tendências, a opinião dada pelo jovem foi agrupada em categorias de análise.

A pesquisadora teve, em todas as igrejas pesquisadas, dificuldade em acessar os jovens que abandonaram a IPI. Quatro delas não possuíam agenda com o endereço, o telefone e os *e-mails* dos membros. Ela dependia, então, de informações orais colhidas entre eles. Houve certa resistência em fornecer tais informações, provavelmente devido à possibilidade de, ao entrar em contato com o desistente, ficasse revelada à pesquisadora alguma situação desagradável que pudesse comprometer a Igreja ou alguém em especial.

Enquanto organização institucional, a IPI apresenta contornos específicos que determinam a garantia de permanência da experiência religiosa considerada legítima por aqueles que detêm o poder religioso interno.

O propósito de se conhecer o peso desses contornos específicos na resolução de abandonar a Igreja pelo jovem presbiteriano independente fundamentou a necessidade de escritura do capítulo I e das considerações a seguir, identificadas como itens 1o., 2o., 3o., 4o., 5o. e 6o. .

A inclusão do item 7o. se justifica na medida em que corporifica a situação do mercado religioso brasileiro como elemento facilitador ao abandono da Igreja pelo jovem presbiteriano independente que é o objeto de estudo deste trabalho.

1o. A IPI como ramo do cristianismo

A IPI do Brasil é um ramo da igreja cristã reformada que adotou a teologia calvinista a partir da reforma protestante do início do século XVI. Segundo o artigo 2o. de sua Constituição: “[...] *tem como regra de fé e prática as Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento, adota a forma presbiteriana de governo e o sistema doutrinário da Confissão de Fé de Westminster*” (LIVRO DE ORDEM, 2005, p. 16).

Na Sagrada Escritura do Novo Testamento consta que as comunidades cristãs “[...] *perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.*” (BÍBLIA SAGRADA, N. T, Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículo 42). Em suas pesquisas, o sociólogo americano Rodney Stark chegou à constatação semelhante. De acordo com “[...] *uma epístola de Páscoa de Dionísio, bispo de Alexandria (século III) ... os valores cristãos do amor e da caridade haviam sido traduzidos em normas de serviço social e de solidariedade comunitária*” (STARK, 2006, p. 88).

A partir disso, depreendemos que o espírito comunitário deverá embasar a prática adotada pelos presbiterianos independentes e a doutrina consubstanciada na Confissão de Fé de Westminster.

Torna-se membro da IPI as pessoas que foram submetidas ao batismo e que declararam sua profissão de fé em cerimônia pública.

Em 2009, havia 512 IPIs em todo o Brasil. Cada uma delas é denominada genericamente de IPI local.

Cada IPI local organiza seus membros de acordo com a faixa etária. O grupo de jovens se organiza na Coordenadoria Local da UMPI (União da Mocidade Presbiteriana Independente).

2o. O movimento da Reforma do século XVI

Desde os primórdios, as tradições cristãs têm sido diferentes. O apóstolo Paulo era diferente do apóstolo Pedro ou do apóstolo João.

No século XVI, a própria cristandade ocidental sofreu uma divisão entre catolicismo e protestantismo ¹. Antes da cisão, um sentimento religioso atormentava os fieis: o medo da morte súbita, sem que houvesse tempo de se confessar e cumprir a penitência, e da conseqüente condenação ao inferno. Era o que prescrevia a Igreja Cristã à época, a Igreja Católica. No início do século XVI,

¹ protestantismo: a religião dos protestantes. Essa expressão teve origem na Declaração de Fé que alguns membros do segundo Concílio de Spira fizeram (1529). Esse concílio foi presidido pelo rei Fernando, ardoroso defensor do papismo. Este, secretamente, discutiu um decreto para sufocar certas regalias de que gozavam as igrejas reformadas. Antes da votação, alguns membros retiraram-se do plenário e formularam uma declaração que se iniciava assim: “*Nós protestamos e declaramos abertamente diante de Deus e de todos os homens...*” Assim receberam o nome de protestantes.

surgiu Martinho Lutero, um religioso que leu a Bíblia e, confrontando o conhecimento obtido com as práticas doutrinárias da religião que professava, se convenceu de que a Igreja Católica necessitava de uma reforma doutrinária que propôs por meio de vários escritos e das 95 teses de Wittenberg. Contudo, o papa Leão X declarou heréticas 41 das 95 teses de Lutero que, por sua vez, queimou a bula papal e em Worms, perante uma reunião de príncipes das cidades livres, se recusou a retratar-se.

Suas ideias foram aceitas por vários deles e em 1533 surgiu Calvino que divulgou as ideias luteranas na França e na Suíça. Ele organizou a Igreja Reformada estruturando um sistema democrático de governo representativo, o presbiterianismo², dentro de um sistema teológico chamado calvinismo. Os reformadores defendiam a autoridade suprema das Escrituras Sagradas e que a salvação do homem dependia exclusivamente da graça de Deus. Os cultos passaram a ser realizados na língua do país, a hierarquia eclesiástica foi abolida, assim como o culto aos santos, a confissão obrigatória, os dias de jejum, a abstinência de carne às sextas-feiras. Os representantes do clero podiam se casar.

Para ele (Calvino), Deus, em sua soberania e para a glória de sua justiça, preteriu algumas pessoas e, em condenação por seus pecados, ordenou-as para a morte eterna. [...] Segundo Calvino, os cristãos são eleitos não para privilégios, mas para o serviço a Deus (LEITH, 1996, p. 157).

Não foi dada ao ser humano qualquer evidência que seja que o levasse a identificar os eleitos e os não-eleitos, os preteridos. “*Ninguém pode ter a pretensão de ser um eleito de Deus.*” (LEITH, 1996, p. 360).

Esse esclarecimento acerca da doutrina da predestinação se faz necessário na medida em que, a fim de favorecer interesses circunstanciais e legitimar ideologias, alguns referenciais de identificação foram desenvolvidos nestes cinco séculos, o que contribuiu e ainda contribui para desqualificar pessoas e, conseqüentemente, abalar ou destruir o espírito comunitário em que deveriam viver os que se chamam cristãos, conforme preceitua sua regra de fé e prática, a Bíblia: “[...] *o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Porque, nós, embora muitos, somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão.*” (BÍBLIA SAGRADA, N. T., Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, capítulo 10, versículos 16-17).

² No presbiterianismo, o governo é exercido por representantes do povo (presbíteros regentes) e pelos ministros da Palavra (presbíteros docentes), eleitos em uma assembleia da igreja local. Os presbíteros regentes e docentes formam o Conselho, cujas decisões administrativas são passíveis de recurso ao Presbitério, concílio constituído de todos os ministros e das igrejas de sua jurisdição, representadas por um de seus presbíteros. O Presbitério, por sua vez, se faz representar no concílio imediatamente superior, o Sínodo, que se faz representar na Assembleia Geral que é o concílio de última instância e órgão de unidade da IPI.

3o. O caráter puritano da Confissão de Fé de Westminster

Desde o século XVI, com João Wycliffe, a mentalidade puritana se instalou na Inglaterra. Posteriormente, recebeu a influência das ideias calvinistas . Por defenderem a pureza teológica e moral – a Igreja deve refletir o ensino expresso nas Escrituras – e a pureza litúrgica- contra a missa em latim, as vestes cerimoniais e a preservação da imagem dos santos- estas pessoas foram chamadas de “puritanas”.

A história dos puritanos na Inglaterra foi marcada por períodos intermitentes de perseguição e tolerância, portanto, vivenciada em clima de insegurança e confusão. Na necessidade de se precisar os conceitos teológicos que defendiam, os puritanos da Inglaterra, no século XVII, escreveram sua confissão e catecismos na Assembleia de Westminster. Foram reafirmadas a autoridade suprema das Escrituras, a causa e origem exclusivamente divinas da salvação pessoal e a incondicional eleição: *“Todos aqueles que Deus predestinou para a vida, e só por esses, é ele servido.”* (CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, capítulo X, I). *Os não-eleitos [...] contudo, não se chegam a Jesus Cristo e portanto não podem ser salvos.* (IDEM, capítulo X, IV)

Ao se formar a Igreja Presbiteriana nos EUA, algumas seções ou partes de seção foram eliminadas, sem qualquer prejuízo significativo de caráter teológico e o Sínodo da IPI do Brasil, em 1908, confirmou tal eliminação.

A doutrina da predestinação com ênfase na distinção entre eleitos e não eleitos não costuma ser amplamente estudada e discutida em encontros de educação cristã nas igrejas objeto desta pesquisa, contudo, foram observadas situações de discriminação social baseadas nela que serão relatadas na apresentação e interpretação dos dados. Segundo Henry Louis Mencken, jornalista, editor e filósofo americano do século XX, *“o puritanismo é o temor persistente de que alguém, em algum lugar, possa ser feliz.”* (apud MATOS, 2011).

A obstinação puritana e, por extensão, presbiteriana independente, tem levado seus adeptos a tornarem a obediência *“[...] um novo legalismo. Muitas vezes a disciplina é apenas uma maneira de cercear o poder; o arrependimento somente uma aparente tristeza que leva à morte e santidade, um outro nome para farisaísmo”* (BROWN,1995).

As situações de discriminação social e a descaracterização ética decorrente da obstinação têm contribuído significativamente para o abandono da igreja pelos jovens presbiterianos independentes.

4o. O presbiterianismo americano e o destino manifesto

Diante de punições, perseguições e prisões a que foram sujeitos em território inglês, os puritanos, presbiterianos, batistas e congregacionais imigraram para os Estados Unidos, em 1620.

Logo na chegada, formalizaram o Pacto do Mayflower: o objetivo da viagem era construir em solo americano um lugar onde imperasse os valores éticos aprovados por Deus e, independentemente de estarem associados a denominações religiosas diferentes, iriam cooperar em liberdade e respeito mútuo na construção de uma sociedade eticamente de acordo com a revelação bíblica. Esses protestantes tinham a convicção de que este era o destino manifesto por Deus para as suas vidas.

Esse acordo, mais tarde estendido também aos metodistas, abrandou os radicalismos denominacionais e encaminhou uma prática evangelística “[...] *em termos da ação de Deus no mundo e sacramento e não em termos de estruturas ou de doutrina correta.*” (LEITH, 1996, p.61).

Contudo, o Brasil recebeu missionários americanos de formação presbiteriana, batista, metodista e congregacional e a diversidade de pensamento doutrinário eclodiu aqui e redundou em dificuldade de integração entre as igrejas locais, dificuldade essa que, aliada a outros fatores, repercutiu em repetidas cisões denominacionais.

No caso dos presbiterianos independentes, o recrudescimento da dificuldade de integração fez com que perdessem “ [...] *a noção de que somos (são) presbiterianos, uma federação de igrejas irmãs pois na prática temos (têm) sido mais independentes, vivendo a experiência de que 'quem pode mais chora menos'* ” (ARAÚJO, 2010).

5o. A implantação do presbiterianismo no Brasil

Os missionários norte-americanos de procedência presbiteriana que chegaram ao Brasil com “ *o objetivo de transferir para a América Latina os benefícios do 'sonho americano' ou do 'estilo americano de vida'* ” (MENDONÇA; VELASQUES, 2002) transmitiram uma teologia duplamente distanciada do pensamento calvinista, primeiramente por séculos de luta contra o catolicismo e o anglicanismo na Grã-Bretanha e, posteriormente, pela necessidade de adequação dessa teologia já distanciada ao contexto dos EUA.

Além disso, encontraram aqui uma realidade bem diferente da norte-americana. As treze colônias não tinham religião oficial. Não havia oposição religiosa institucional. No Brasil, a religião oficial era a católica apostólica romana e o protestantismo trazido pelos missionários era considerado uma religião de invasores.

Essa recorrente atitude de enfrentamento assumida desde a chegada ao Brasil em 1859 conferiu ao presbiterianismo uma postura de confronto que tem minado seu sistema federativo ³ de governo e a comunhão entre os membros.

A igreja e os cultos têm sido um agrupamento de pessoas. Não nos importamos com o irmão ao nosso lado. Terminado o culto, voltamos para casa e, no próximo domingo, estaremos de volta, pois temos, egoisticamente, de prestar ou assistir um culto a Deus. (MOROSINI/2011, p.3).

A falta de comunhão entre os membros tem provocado o abandono da igreja pelos jovens presbiterianos independentes.

6o. A IPI e suas raízes. A demonização da cultura brasileira

A questão de volta às raízes é uma reivindicação do discurso conservador entre os presbiterianos independentes. O que significaria? O retorno às convicções e práticas calvinistas do século XVI? Ou será que é “[...] *trilhar o caminho do puritanismo calvinista? Ou seguir as tendências dos avivalismos ingleses e norte-americanos?*” (DOLGHIE, 2007, p. 11-12).

Considerando que este trabalho tem caráter sociológico, nossa dimensão de análise tem por pressuposto a repercussão que a escolha ou não de uma dessas linhas doutrinárias teria no sentido de provocar o abandono da igreja pelo jovem presbiteriano independente.

Os missionários presbiterianos norte-americanos que aqui chegaram objetivando implantar o estilo americano de vida, suas convicções, práticas e valores, condenavam com rigor o que refletia a cultura popular brasileira. Para eles, era a cultura do demônio. Essa ética apolítica, desengajada, negadora do mundo foi repassada aos presbiterianos independentes e vigora até hoje.

Segundo Berger, “[...] *é dentro da sociedade como resultado de processos sociais que o indivíduo se torna uma pessoa, que ele atinge uma personalidade e se aferra a ela, e que ele leva adiante os vários projetos que constituem a sua vida*” (BERGER, 1985, p. 15).

A necessidade de engajamento cultural do jovem urbano frente à exigência ética de isolamento do mundo imposta pelo presbiterianismo forçou uma situação de impasse ao jovem presbiteriano independente que “*passou a ter uma prática social esquizofrênica, caracterizada por um tipo de comportamento na igreja e outro fora dela.*” (DOLGHIE, 2007, p. 246).

Esse estado-de-coisas tem contribuído para o abandono da Igreja pelo jovem presbiteriano independente.

³ Artigo 6o. da Constituição da IPI : “ A comunhão presbiteriana é uma federação de igrejas locais que, embora tenham personalidade jurídica, estão jurisdicionadas aos concílios a que pertencem.”

7o. A IPI e o mercado religioso brasileiro

A religião, visto que não se encontra isolada do contexto social, é produto mercadológico numa sociedade de consumo. “[...] a tradição religiosa [...] agora tem de ser **colocada no mercado** . Ela tem que ser 'vendida' para uma clientela que não está mais obrigada a 'comprar'”(BERGER, 1985, p.149).

O mercado religioso brasileiro se caracteriza por inúmeras ofertas de crenças para os mais variados perfis. Se antes, deixar a IPI poderia significar deixar o evangelho, hoje não. O que as pessoas procuram – e têm alta probabilidade de encontrar – é uma forma de religiosidade que lhes traga mais recompensas com baixo custo. As pessoas se convertem considerando recompensas imediatas e do além, com menor investimento pessoal (STARK; BAINBRIDGE, 2009).

O mercado religioso brasileiro ainda apresenta uma contínua recomposição na distribuição dos seguidores das crenças, sendo que a dupla pertença é fenômeno comum entre adeptos da cidade de São Paulo. Contrariando a tendência atual, a IPI exige de seus membros exclusividade de escolha.

Estes dois fatores têm favorecido o abandono da Igreja pelo jovem presbiteriano independente.

PARTE I

*A história da IPI, sua inserção na sociedade brasileira
e a trajetória institucional do jovem presbiteriano independente.*

Capítulo 1 - A IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL: *formação, história, doutrina e sistema de governo*

Para efetivamente compreender as motivações e as consequências do movimento no seio do presbiterianismo brasileiro que levou à organização da IPI do Brasil, se faz necessário evidenciar as circunstâncias históricas e as bases ideológicas sobre as quais o próprio presbiterianismo foi construído. As circunstâncias históricas não serão apresentadas necessariamente em ordem cronológica, mas a partir de um eixo que nos permita não somente enxergar os fatores que provocaram a cisão da igreja presbiteriana, mas também ponderar a influência desses fatores na caracterização da igreja presbiteriana formada a partir dessa cisão – a Igreja Presbiteriana Independente.

“A IPI do Brasil é uma igreja que pertence [...] à grande comunidade universal de cristãos oriundos da Reforma do Século XVI e que optaram pelo sistema calvinista quanto à doutrina, à disciplina, ao culto e à ética” (IPI DO BRASIL, 2003, p.4).

Os reformadores, no início, não pretendiam fazer uma oposição doutrinária à Igreja Católica. As Noventa e Cinco Teses, afixadas por Martinho Lutero em Wittenberg, na Alemanha, se consubstanciavam nas práticas corruptas da Igreja que, segundo ele, não estavam de acordo com a Bíblia.

Suas ideias se expandiram pela Europa e alcançaram a Suíça. Lá, Zuínglio e Calvino foram mais atentos e radicais na obediência aos princípios bíblicos. Calvino partiu dos mesmos fundamentos teológicos que sustentaram a iniciativa de Lutero, contudo a ênfase doutrinária foi diferente. Para Lutero, o ser humano salva-se exclusivamente pela fé. Para Calvino, somente o ser humano eleito para a vida eterna é salvo por meio da Graça de Deus, aplicada à sua vida mediante a ação do Espírito Santo.

Calvino reformou o culto e reorganizou a Igreja. O pensamento calvinista, bem como suas expressões eclesiais, é conhecido como reformado porque Calvino levou a Reforma às últimas consequências.

Calvino fundou a Academia de Genebra, de onde saíram aqueles que iriam espalhar as ideias da Reforma por todo o continente. Em 1557, na Escócia, estourou uma revolta que em dois anos espalhou-se por todo o reino. A liderança do movimento foi assumida por John Knox, um discípulo de Calvino, que eliminou o catolicismo e fundou uma igreja, mais tarde chamada presbiteriana, por causa de seu governo democrático representativo, composto por pastores e leigos, chamados presbíteros. Esta igreja tornou-se a Igreja oficial da Escócia quando o Parlamento aprovou a Confissão⁴ Escocesa,

⁴ Documento que sintetiza “[...] a compreensão de uma comunidade particular a respeito da fé cristã num determinado

elaborada por Knox. Essa confissão é doutrinariamente calvinista.

Na Inglaterra, a insatisfação com a Igreja Católica já vinha de muito tempo. Os nacionalistas se indignavam diante dos tributos exagerados que a Igreja impunha ao país pelo uso de suas vastas propriedades.

No âmbito religioso, a reforma iniciada por Henrique VIII foi superficial. O anglicanismo manteve muitos elementos católicos e os hábitos adotados pelo clero não condiziam com os ensinamentos bíblicos. A Igreja Anglicana abrigava forças que se opunham entre si, forças essas representadas por anglo-católicos e evangélicos. Dentre estes, os mais radicais defendiam que a Igreja Anglicana carecia duma completa reforma. Eles reivindicavam pureza teológica, litúrgica e moral. Defendiam a simplicidade do culto, por isso abominavam a ostentação das vestes sacerdotais. Exigiam mudanças externas e de valores, em conformidade com a Bíblia. Por sua ênfase na pureza, foram chamados de puritanos. Baseando-se na obra de Calvino, a INSTITUIÇÃO DA RELIGIÃO CRISTÃ, eles entendiam bispos, pastores e presbíteros como ofícios do mesmo grau hierárquico, sendo que o exercício de ministro dependia do consentimento da congregação.

Perseguidos na Inglaterra, imigraram para a América do Norte, movidos pela convicção de serem o povo escolhido por Deus para o estabelecimento de uma comunidade santa que se caracterizaria pela justiça, paz e alegria. Essa comunidade foi também denominada de Reino de Deus.

Na costa leste da América do Norte, fundaram uma colônia, onde passaram a viver mediante uma constituição feita por eles mesmos. [...] A influência puritana, na maior parte presbiteriana, preparou o espírito de revolta contra a Inglaterra, que resultou na independência política norte-americana.” (IPI DO BRASIL, 2003, p. 14).

O puritanismo não constituiu denominação religiosa, mas um estado de espírito, um modo de viver segundo à convicção calvinista. Devido à importância econômica-cultural que a leitura dada por eles a um dos cinco pontos básicos de sua doutrina teve, vamos citá-lo aqui. É o Princípio da Eleição Incondicional; *“Pelo decreto de Deus e para a manifestação de sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna.”* (CONFISSÃO DE FÉ E CATECISMO MAIOR DA IGREJA PRESBITERIANA, capítulo III, 3, p.8).

De acordo com o puritanismo, o ser humano pertencente ao rol dos eleitos- os predestinados para a vida eterna - deveria agir como tal. Os sinais externos evidenciadores da pertença à comunidade dos salvos passaram a ter importância primordial. A atividade profissional, qualquer uma

tempo e lugar. [...] As confissões reformadas dão grande ênfase a Deus e seu senhorio, à autoridade da Bíblia, à ética e à disciplina” (LEITH, 1996, p. 190-191).

que fosse, era entendida como a missão de um eleito que lhe tinha sido confiada por Deus e teria de ser desempenhada da melhor forma possível a fim de agradá-lo. Todo rendimento que ela gerasse deveria ser reinvestido no empreendimento.

Essa postura ética gerou uma atuação social semelhante à pretendida na cultura capitalista: o trabalho sistemático e metódico visando ao aumento das posses como um fim em si mesmo. O ser humano em função do ganho e não o ganho em função do ser humano.

Movidos por essa certeza ao longo de gerações e gerações e usufruindo de condições favoráveis para desenvolver seus ideais democráticos e republicanos, o desempenho dos puritanos, principalmente presbiterianos, contribuiu enormemente na construção do mundo moderno. Diante disso, confirmou-se para eles a convicção de serem o povo escolhido por Deus para cumprir o que denominaram de Destino Manifesto: implantar a civilização cristã no mundo. Todos se empenhavam neste propósito a partir de uma população livre, letrada, honesta, industriosa e obediente a Deus.

Esta foi a proposta que trouxe os missionários norte-americanos ao Brasil: salvar os pagãos do imperialismo europeu, do despotismo nativo, da indolência, da danação eterna antes da segunda vinda de Jesus Cristo.

O primeiro missionário, rev. Ashbel Green Simonton, veio encaminhado pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova Iorque, Igreja Presbiteriana do norte, em 1859. Veio sem saber falar a língua portuguesa e sem conhecer as peculiaridades da cultura local. Considerando a proposta das Juntas de Missões norte-americanas que encaminharam obreiros para o Brasil e o despreparo dos missionários, fica evidente que os americanos não nutriam respeito ou consideração alguma pelas cultura brasileira. O que almejavam era implantar seu jeito de ser e pensar. Apesar de admitir a abnegação e o empenho de alguns, – Simonton, por exemplo, se esforçou tanto que acabou morrendo de febre amarela- faz-se necessário reconhecer que estes eram apenas o instrumento de uma pretensão bem mais abrangente.

Diante da dimensão continental do país e das dificuldades encontradas, logo a Junta de Missões encaminhou para cá outros missionários. Eles organizaram várias igrejas presbiterianas, a Imprensa Evangélica, o primeiro jornal evangélico do Brasil, e o primeiro seminário.

Como o trabalho de conversão ao protestantismo depende do “livre exame das Escrituras”, estava implícita na atividade missionária a necessidade de ensinar o povo, de propiciar-lhe instrução escolar. *“Acredito que essa tarefa [propiciar instrução escolar aos brasileiros] [...] tenha pesado na balança dos acontecimentos que precederam o cisma de 1903 que deu origem à IPI do Brasil” (IPI DO BRASIL, 2003, p. 21).*

A Igreja Presbiteriana do sul dos Estados Unidos só encaminhou missionários em 1869, em virtude da necessidade de dar assistência espiritual a três mil sulistas, ex-confederados derrotados na Guerra de Secessão que vieram “[...] *em busca de terras férteis e, sem dúvida, motivados pela possibilidade de continuar a possuir escravos*” (IPI DO BRASIL, 2003, p. 31). Em 1870 e 1873, respectivamente, foram fundados em Campinas a Igreja Presbiteriana e o Colégio Internacional.

Quase na mesma época, os missionários do norte dos Estados Unidos fundaram em São Paulo a Escola Americana, origem da atual Universidade Presbiteriana Mackenzie. A partir de 1876, esta escola já oferecia formação de nível médio para professores nas escolas paroquiais que ministravam instrução fundamental aos recém-convertidos junto às igrejas que iam sendo organizadas.

O movimento missionário no Brasil apresentava franco desenvolvimento. Era notória a carência de missionários e pastores. O seminário fundado por Simonton fora fechado por falta de professores. A formação teológica ministrada a partir daí, no regime de tutoria, não dava conta do número de disciplinas que a formação teológica exigia.

A definição de quem se encarregaria dessa formação teológica, quais seus objetivos, em que instituição ela seria oferecida e às custas de quem foram fatores que concorreram para o processo de cisão.

No âmbito presbiteriano, apesar de missionários e pastores brasileiros e norte-americanos trabalharem juntos, existia um ranço de superioridade desses em relação àqueles. O historiador Émile Léonard cita que os brasileiros eram denominados “nativos” por eles em suas cartas e documentos remetidos às juntas de missões, a mesma referência empregada em relação às tribos africanas subjugadas à colonização europeia. A organização de um Sínodo no Brasil (1888) dotou a igreja brasileira de uma autonomia estritamente formal pois ela, de maneira geral, não tinha recursos para o auto-sustento. O recurso provinha dos Estados Unidos e aos missionários norte-americanos cabia sua administração.

Esse estado de coisas acirrou o sentimento nacionalista entre pastores brasileiros e os conflitos começaram a perturbar a vida da Igreja. “*Choques de personalidade, desacordo sobre alocação de fundos e de pessoal e, principalmente, a respeito de educação e evangelização, começaram a dividir a Igreja em facções rivais.*” (IPI DO BRASIL, 2003, p.33).

Entre os pastores brasileiros, surgiu um líder – rev. Eduardo Carlos Pereira- especialmente comprometido com os ideais nacionalistas. Fundou em 1884 a Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos que publicava folhetos de evangelização escritos por brasileiros. Em 1886, foi designado presidente da Comissão de Missões Nacionais, cujo objetivo era tornar a evangelização no Brasil

auto-sustentável. Para tanto, Eduardo Carlos Pereira lançou a Revista das Missões Nacionais que, incentivando as igrejas a sustentarem a obra de evangelização, foi um dos instrumentos mais eficientes na formação de uma consciência nacional.

A Igreja Presbiteriana de São Paulo realizou uma campanha financeira a fim de obter recursos e sustentar seu próprio pastor, o que se concretizou, sendo eleito o rev. Eduardo Carlos Pereira. Essa nova condição deixou o referido pastor mais livre para lutar em prol da autonomia da igreja brasileira.

Os missionários norte-americanos não viram com bons olhos essa vertiginosa ascensão. Suas correspondências oficiais revelavam antipatia e má vontade para com o rev. Eduardo. Esses sentimentos, naturalmente, transpareceram nos resultados de votação em reuniões conciliares.

Esse clima de animosidade foi reforçado a partir da atuação de Horace Manley Lane como diretor da Escola Americana. Sua visão extremamente pragmática, seu perfil de livre pensador e seu desapego aos dogmas do presbiterianismo não eram bem aceitos pelos pastores brasileiros, inclusive Eduardo Carlos Pereira. Segundo Lane – e também os pastores e missionários da Junta de Missões do norte-o preparo dos futuros pastores em educação geral poderia ser feito em conjunto com o preparo dos futuros educadores. Segundo a maioria dos pastores brasileiros – inclusive Eduardo Carlos Pereira- juntar essas duas turmas implicaria em risco de perder ou enfraquecer, nos futuros pastores, as convicções indispensáveis ao exercício do ministério. Lutavam por um seminário que prepararia exclusivamente os pastores. Fundamentavam-se no quase completo malogro das instituições educacionais tanto na propagação da fé como na preparação de um ministério evangélico.

A situação se tornou mais grave. O jeito excêntrico de ser e a ausência de piedade pessoal – faltava aos cultos, deixava de tomar a Ceia do Senhor e propalava opiniões heterodoxas acerca da doutrina cristã – do sr. Horace Lane fez com que o Conselho da Igreja Presbiteriana de São Paulo, cujo pastor era Eduardo Carlos Pereira, lhe enviasse uma carta de admoestação. Esse envio teve ampla repercussão tanto na Igreja do Brasil como nos Estados Unidos. O Presbitério de São Paulo, ao qual a IPI de São Paulo estava filiada, anulou o ato do Conselho, apesar de ele estar em conformidade com o Livro de Ordem adotado pela instituição.

Convencidas de que as Juntas de Missões norte-americanas, que administravam os recursos financeiros, não os aplicariam na constituição de um seminário para formar uma igreja verdadeiramente nacional, as lideranças brasileiras decidiram contar com suas próprias forças. Em O ESTANDARTE, jornal presbiteriano fundado por nacionais, foi publicado um artigo convocando o povo presbiteriano a entrar numa grande campanha para a construção do prédio do Seminário.

A adesão das igrejas locais foi um sucesso. Em 1899, o prédio foi inaugurado. Contudo, o posicionamento de alguns líderes, inclusive o rev. Eduardo, quanto à incompatibilidade entre o cristianismo e a maçonaria colocou por terra a possibilidade de aprovação da iniciativa junto ao Sínodo de 1990. A Igreja Presbiteriana contava com muitos maçons entre pastores, missionários, presbíteros.

O estudo mais atento dos fatos ocorridos entre 1898 e 1903 mostra que o estrago que a maçonaria causou não foi consequência de uma 'querela teológica', mas da desarrumação que provocou no campo de forças da Igreja Presbiteriana em decorrência de reajustes e de formação de solidariedades e lealdades, tendo como elemento deflagrador a hierarquia maçônica (IPI DO BRASIL, 2003, p.59-60).

No Sínodo de 1903, o grupo nacionalista formalizou a tentativa derradeira em favor da autonomia da Igreja Presbiteriana no Brasil. Apresentou um encaminhamento em forma de cinco itens – denominado PLATAFORMA – . Contudo , a orientação do debate dada pela Mesa Administrativa e pelos conciliares tornou um tema secundário – a questão maçônica – como principal, e o Sínodo passou a decidir sobre ele, deixando de lado os grandes temas que vinham agitando a Igreja desde sua precária autonomia em 1888. Esse tema secundário, depois do debate e da apresentação de substitutivos, foi votado.

Então, Eduardo Carlos Pereira pediu a palavra para despedir-se. Com ele, mais dezessete líderes, entre pastores e presbíteros, deixaram a Igreja Presbiteriana e organizaram a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

O Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil reafirmou oficialmente que a causa da separação era a questão maçônica. Contudo, na realidade “*[...] a revolta provocada pela maçonaria fora poderoso instrumento [...] para destruir a minoria opositora no Sínodo, absorver o Seminário no Mackenzie e, com ele, seu prédio na rua Maranhão, fruto de subscrição nacional*” (IPI DO BRASIL, 2003, p.69).

Ao longo dos primeiros trinta anos de existência da IPI, observou-se um abrandamento nos fatores que ensejaram a divisão. A total incompatibilidade entre o cristianismo e a maçonaria aparece atenuada na Declaração formalizada na Assembleia Geral da IPI em 1916. Embora o Seminário Teológico da IPI tenha sido inaugurado em 1914, ficou fechado de 1918 a 1922, devido à dificuldade de auto-sustento. Criou-se dentro da IPI a expectativa de organização de um seminário integrado com a Igreja Presbiteriana. Entre 1930 e 1933, funcionou o Seminário Unido no Rio de Janeiro, mas a ideia fracassou.

A partir daí, o Seminário andou peregrinando por vários lugares, até chegar onde está hoje : em São Paulo, à rua Genebra. A instituição se credenciou junto ao MEC e hoje se denomina Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente (FATIPI). Seu corpo discente é constituído de alunos provenientes de várias denominações evangélicas.

Essa postura de acolhimento interdenominacional já era característica de parte da liderança presbiteriana que decidiu pela cisão. A Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos, fundada em 1884 por Eduardo Carlos Pereira, não era composta exclusivamente de presbiterianos. Publicavam-se obras teológicas de autores evangélicos nacionais , sendo proibida qualquer manifestação acerca de assunto polêmico entre denominações.

Esse espírito de abertura encontrou ressonância mais objetiva no Congresso de Ação Cristã, realizado no Panamá, em 1916, onde se aprovaram propostas pelo fim do denominacionalismo estreito que alimentava a rivalidade e a competição entre igrejas evangélicas. Em 1920, criou-se a Comissão Brasileira de Cooperação, composta por metodistas, presbiterianos, presbiterianos independentes, episcopais e congregacionais. A partir dela, em 1934, foi instituída a Confederação Evangélica do Brasil que conscientizava seus associados da necessidade de se enfatizar elementos doutrinários semelhantes entre as denominações de forma a promover uma intensa ação social entendida teologicamente como um esforço coletivo no estabelecimento do Reino de Deus no mundo.

Esse grupo mais aberto e receptivo foi denominado liberal.

Paralelamente a esse movimento, desenvolvia-se na IPI uma mentalidade conservadora que militava no sentido de fazer prevalecer os valores tradicionais do presbiterianismo implantado no Brasil. Seus adeptos firmavam trincheiras no sentido de atribuir nosso atraso cultural à colonização lusitana, irremediavelmente marcada pelo catolicismo. Os costumes do povo brasileiro como dançar, jogar, se divertir e sua postura diante do trabalho – trabalhar para viver - eram frequentemente demonizados .

Podemos chamá-los de conservadores porque essa atitude belicosa diante da diferença fincou suas raízes na Teologia do Seminário de Princeton, sob a qual se organizou o trabalho missionário no Brasil, já a partir de Simonton, que estudou no referido seminário.

Sumariamente podemos afirmar que a Teologia de Princeton, ao menos em suas linhas gerais, permanece até hoje na mentalidade presbiteriana brasileira, sendo seus traços principais a fidelidade ao texto bíblico infalível, beirando a inerrância, à Confissão de Fé de Westminster e seus Catecismos como interpretação absoluta das Escrituras, portanto não passível de reformas, assim como uma permanente desconfiança do conhecimento humano em todas as suas esferas. Arriscamo-nos a dizer que a Teologia de Princeton [...] no Brasil criou uma mentalidade teológica que dificultou, talvez até mesmo impediu, uma reflexão autóctone sobre a igreja e a realidade e, acima de tudo, a possibilidade da abertura para o diálogo com a cultura brasileira (IPI DO BRASIL, 2003, p. 22) .

Movimentos alavancados por mentalidades tão díspares convivendo sob a mesma denominação religiosa fizeram explodir suas diferenças na Questão Doutrinária de 1938. A explicitação da opinião de um candidato ao ministério acerca de um assunto de alcance secundário serviu para o grupo conservador depreciar a qualidade de formação teológica dispensada pelo Seminário aos futuros pastores. Os professores do Seminário eram, em sua maioria, de tendência liberal.

Para agravar a situação, sob a reivindicação deste grupo, o Sínodo da IPI nomeou uma comissão para elaborar um projeto de revisão da Confissão de Fé de Westminster, texto intocável para os conservadores.

Esse estado de coisas culminou com duas cisões no Presbiterianismo Independente. Em 1940, foi organizada a Igreja Presbiteriana Conservadora e, em 1942, a Igreja Cristã de São Paulo.

O clima de confronto ideológico foi novamente alimentado em 1949 com a visita de Marc Boegner às igrejas protestantes brasileiras promovendo o movimento ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas, sendo que já tinha se instalado nessas instituições a propaganda anti-ecumênica do rev. Carl McIntire. O ecumenismo era defendido pelos liberais e repudiado pelos conservadores.

Como força desagregadora, o Pentecostalismo invadiu as IPIs promovendo uma concepção de espiritualidade firmada nas experiências sensórias. Diante de “curas” tomadas como a ação miraculosa de Deus, ficavam a perplexidade de alguns e a incredulidade de outros. Entre inúmeros exemplos que podem ser citados, limitamo-nos aos achados da pesquisa que está sendo desenvolvida pelos professores Leonildo Silveira Campos e Éber Ferreira Lima, acerca do movimento de cura divina que ocorreu entre 1952 e 1953 na IPI do Cambuci em São Paulo e que provocou a saída do pastor, dos presbíteros e dos diáconos que formaram algumas igrejas, tais como Igreja Cristã Evangélica Independente, Igreja Evangélica do Cambuci, Igreja Pentecostal da Bíblia e Igreja Pentecostal do Espírito Santo.

Fortalecendo essa contexto de animosidades, em 1956, o próprio McIntire visitou o Brasil

revigorando o movimento conservador, enquanto que o rev. Richard Shaul, ao se aproximar dos estudantes por meio da União Cristã de Estudantes, solidificava o movimento liberal.

Chegou-se à década de 1960 neste clima de ebulição que, enfim, refletia a realidade brasileira. Em 1964, explodiu o golpe militar e as forças conservadoras, apoiadas pelo governo norte-americano, implantaram um fechamento ideológico. Igrejas cujo acesso foi impedido por correntes que cercavam a edificação, guardas com fuzis fazendo a guarda em plena calçada, seminários de portas lacradas, partidários do movimento liberal tendo de fugir do país para não serem encerrados em prisões. E, mais do que isso, membros da mesma igreja delatando seus “irmãos” ao Serviço Nacional de Informação (SNI).

A pesquisadora colheu o depoimento de um profissional liberal que à época era seminarista da Igreja Presbiteriana Independente, cujo nome fora incluído num abaixo-assinado em que se solicitava a expulsão dos “progressistas” da Igreja. Essa inclusão provocou, segundo ele, o acompanhamento sistemático de seus passos e a desqualificação pública das ideias que defendia. Ele foi escolhido como orador da turma de formandos do Seminário e o discurso que seria apresentado na colação de grau fora obra de construção coletiva- de todos os formandos-. Seis horas antes do início da cerimônia, o formando foi chamado pelos diretores da Instituição que insistiam para que ele elaborasse outro texto, pois aquele estava muito confuso. Diante da recusa do moço, a cerimônia foi cancelada e ele sofreu um interrogatório de oito horas. Diante das respostas dadas às perguntas que lhe eram feitas, os inquisidores ironizavam: - *Mas do que será que ele está falando? Não dá para entender nada...*

A partir de 1964, observou-se no Brasil o recrudescimento do clima de opressão e repressão, o que repercutiu dentro da IPI.

Qualquer pronunciamento, sermão ou gesto de reivindicação sugeria subversão. Pregar utilizando o livro de Amós ou de Miquéias era perigoso, pois provocava identificação com o evangelho social. [...]

Em julho de 1968, todos nós seminaristas, com exceção de um que não assinou o documento reivindicatório, fomos expulsos. Nosso pedido de melhoria da qualidade de ensino foi interpretado como insurreição. O seminário foi fechado por cerca de dois meses. No mês seguinte ao da expulsão, aconteceu o Congresso Nacional de Umpismo em Brasília. Lembro-me que a crise no seminário era assunto proibido. Um professor me comunicou: Avise seus colegas para fecharem a boca sobre os problemas do seminário. O retorno às aulas se deu na segunda quinzena de agosto, depois de um corre-corre sem fim, atrás de nova recomendação dos presbitérios, exigência para os estudantes retornarem aos estudos. [...] A turma do 5o. ano que começou com 14 alunos ficou reduzida a três. [...] Nossa formatura acabou sendo cassada, pois no entendimento da Congregação dos professores, a escolha de nosso paraninfo, Rev. Jorge Bertolaso Stella e do pregador, Rev. Rui Anacleto, era uma provocação.[...] Recebemos o diploma em uma sala da 1a. IPI de São Paulo. (PEREIRA, 2009, p.3).

A intensificação da atmosfera opressiva se evidenciou na destruição das Atas da Congregação que documentaram a expulsão dos alunos e a cassação. A pesquisadora estranhou a ausência desses documentos nos arquivos da FATIPI e, comentando com um dos professores, foi, então, assim esclarecida.

Sentimentos tão profundos repetidamente oprimidos encontraram oportunidade de manifestar-se na produção de uma hinódia que, segundo Jacqueline Zirolto Dolghie vinha “[...] *como uma reação (a outra) calcada em valores americanos e não-nacionais. Eram canções de engajamento social, fruto da politização da classe média [...]*” (DOLGHIE, 2007, p.211).

Esse movimento surgiu no fim da década de 1960 e começo da de 1970. Alguns compositores como João Dias de Araújo, Jaci Maraschin começaram a cantar a realidade brasileira a partir da Bíblia. Diante do que foi denominada de música popular brasileira religiosa, a ala mais tradicional da IPI desenvolveu uma rejeição, não somente em relação ao conteúdo das letras, mas também ao uso do tamborim, da bateria, do pandeiro, do caxixi. Segundo os conservadores, esses instrumentos eram instrumentos do mundo, impróprios para adorar a Deus.

Contudo, o movimento foi crescendo e em 1981, o rev. Valdomiro Pires de Oliveira, da IPI, liderou a realização de um festival evangélico chamado CAFÉ- Canções para um Festival Evangélico- na Catedral Evangélica de São Paulo. Nele, foram divulgadas composições de Flávio Irala, Xico Esrael, Hermes Rangel, Isnar do Amaral, Daniel Vieira Ramos, João Lucas e Laã Mendes de Barros. Foram lançados alguns discos e as músicas assim produzidas foram divulgadas em congressos da mocidade.

Esse movimento não chegou a contaminar a juventude da IPI, primeiramente porque essa percepção de atuação social, como tarefa missionária da Igreja, era de uma minoria, que possuía uma experiência de vida maior, um melhor preparo intelectual, um nível de escolaridade mais elevado, e, em segundo lugar, porque, de modo geral, a música popular brasileira religiosa não foi bem recebida pelos adultos, pelos pais, pela liderança da Igreja que tinha apoiado o regime militar.

O teor do depoimento citado a seguir se aplica também ao ambiente presbiteriano independente:

O movimento da mocidade presbiteriana sempre gerou muita insegurança nos líderes. Os líderes sempre tiveram muito medo do que os jovens poderiam fazer. Os jovens poderiam trazer muita inovação para dentro da Igreja, os jovens poderiam contestar certos aspectos da autoridade dos líderes e eles (os líderes) achavam que a música era um instrumento para isso (MATOS *apud* DOLGHIE, 2007, p. 224).

Considerando o encaminhamento histórico dos acontecimentos, o compromisso que a IPI mantém com símbolos de fé produzidos no século XVII e sua militância na contra-cultura, podemos dizer que

A Igreja Presbiteriana Independente é uma instituição de ideologia conservadora, estabelecida por um líder conservador com um discurso poderoso e uma personalidade carismática: Eduardo Carlos Pereira. No entanto, as influências históricas do grupo liberal, particularmente sobre a liderança eclesiástica, permitiram a essa igreja protestante aberturas ocasionais, com a incorporação de procedimentos novos e práticas sociais modernas, em um meio marcadamente conservador (LIMA, 2005, p.120).

A incorporação de procedimentos novos pode ser exemplificada pela aprovação do ministério e do ofício de presbítero para mulheres (1999) e pela disposição de criar projetos sociais de atendimento a dependentes químicos e de defesa dos direitos da mulher e do idoso, projetos esses desenvolvidos até hoje.

Paralelamente a isso, existem vários focos de resistência ao diferente e ao novo, principalmente nas lideranças locais e, mais exatamente, entre os presbíteros-regentes, aqueles que deveriam representar os sentimentos e as necessidades de todos os membros. Vários exemplos serão citados pela pesquisadora no capítulo quarto. Entre tais presbíteros, existem os que combatem as novidades, alegando que elas, se aceitas, iriam descaracterizar a identidade presbiteriana independente, e aqueles, ainda, que afirmam não haver novidade, “deslumbrados” que estão enxergando o presente via revelação profética que, em sua particular leitura da Bíblia, já estaria preanunciado há mais de vinte séculos. Para esses, não haveria a necessidade de combater, pois a Escritura Sagrada já os teria deslegitimado.

De uma forma ou de outra, o governo operacionalizado pelos Conselhos que apresentam um dos perfis alinhavados no parágrafo anterior se caracteriza por tratar quase que exclusivamente de questões administrativas, apesar de constar como uma das competências do presbítero “*Instruir os novos convertidos, consolar os aflitos e velar pelos fieis.*” (CONSTITUIÇÃO DA IPI DO BRASIL, Artigo 61, parágrafo III)

Capítulo 2 - O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO: *a inserção do presbiterianismo no Brasil*

Quando os missionários norte-americanos de formação presbiteriana chegaram ao Brasil, encontraram um catolicismo já instalado, legitimando as relações entre a classe dominante e a classe dominada, integrando socialmente os brasileiros numa cosmovisão específica, estabelecendo um jeito peculiar de entender a relação entre o transcendente e o imanente.

Essa cosmovisão específica resultava do embate entre o cristianismo trazido pelos lusitanos e as religiões indígena e africana, numa flagrante estratégia de conquista que, no intuito de promover o primeiro, dizimou a representação da segunda e da terceira.

Para levar a efeito essa conquista, os portugueses se alimentavam na concepção de que Portugal era a extensão do reino de Deus e que índios e africanos, portadores de religiosidades demoníacas, precisavam ser trazidos à conversão.

A catequese jesuítica consistia basicamente na operacionalização de uma teologia que, tomando a religião indígena como idólatra, objetivava fazer desaparecer seus símbolos e culto, na expectativa de que esse desaparecimento apagasse da mente dos “*infieis*” o imaginário.

Diferenças contextuais contribuíram, provocaram ou determinaram diversificadas formas de reação, por parte dos índios, a essa estratégia de aliciamento. Contudo, pesquisas desenvolvidas no final do século XX constataram que os portugueses destruíram a imagem, mas não o imaginário que sobreviveu representado disfarçadamente nas crenças, símbolos e ritos trazidos pelo dominador. Por exemplo, segundo tais pesquisas, para que será que Nossa Senhora de Guadalupe tem os olhos amendoados como os dos índios? Para lembrar o imaginário da resistência.

Mecanismos de dominação cultural semelhantes aos usados junto aos índios foram aplicados sobre a religiosidade trazida pelos escravos, observando-se resultados parecidos. Os africanos percebiam a diferença entre suas tradições religiosas e as cristãs. Inicialmente, diante da 'obrigatoriedade de tornar-se cristão' o africano simplesmente justapunha os elementos das duas religiões sem estabelecer vínculos de conteúdo para eles. Mais tarde, a partir do referencial de funcionalidade (para que serve?), iam fazendo as devidas substituições dos orixás pelos santos (BERKENBROCK, 1998).

Foi a operacionalização desse artifício – a representação disfarçada- que permitiu a conversão tanto dos africanos quanto dos indígenas ao cristianismo. E a condição imprescindível para isso foi a existência de traços comuns entre essas religiosidades.

É importante assinalar que a assimilação de forma sincrética, embora rejeitada oficialmente

pela Igreja Católica Romana, ocorreu via catolicismo popular e que “[...] *na prática religiosa colonial mesclavam-se elementos católicos, negros, africanos (e até judaicos), tecendo uma religiosidade deveras original*” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p.49).

Esses traços comuns, combinados nessa “religiosidade deveras original”, procederam de uma concepção mágica do mundo que, no caso dos brancos europeus, enfatizava reminiscências fálicas e animistas das religiões pagãs anteriores ao cristianismo e, no caso dos índios e africanos, “*sacralizava o ambiente natural e as forças espirituais a ele subjacentes*” (BITTENCOURT FILHO, 2003, p.49).

A essa concepção mágica podemos associar o misticismo, o desejo de contato com o divino ou o sagrado por meio de recolhimento, concentração e oração, chegando ao transe da possessão entre os africanos e à alucinação entre os índios. Todos detinham uma cosmovisão que pressupunha a determinação divina – ou sagrada – sobre os atos humanos revelada por meio de mensageiros espirituais.

Outrossim, temos a considerar a informalidade do culto cristão que chegou ao Brasil via colonizador que facilitou o processo sincrético:

[...] uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico [...]: os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para se divertirem com o povo; os bois entrando pelas igrejas para serem benzidos pelos padres; as mães ninando os filhinhos com as mesmas cantigas de louvar o Menino-Deus; as mulheres estêreis indo esfregar-se ,com a saia levantada, nas pernas de São Gonçalo de Amarante; os maridos cismados de infidelidade conjugal indo interrogar os ‘rochedos dos cornudos’ e as moças casadouras os ‘rochedos do casamento’; Nossa Senhora do Ó adorada na imagem de uma mulher prenhe (FREYRE, 1997, p.22).

Outro ponto de confluência foi a exuberância simbólica, evidenciada nos rituais e na ornamentação das igrejas e salões de culto. A presença de cores vivas, o dourado, o branco, o vermelho, o verde, o preto, e do contraste luz e escuridão obtido pelo uso de velas conferiam ao ambiente esplendor, vivacidade, frescor, alegria ou tristeza típicos. Reforçando esses aspectos, temos a presença de imagens de santos, de orixás, de amuletos, de rosários, de água benta, de objetos cultuados como encarnação de espíritos.

A valorização simbólica da comensalidade é mais um traço comum entre cristãos, africanos e índios. O hábito de comer juntos como princípio de partilha, como oportunidade de interação social, era praticado entre eles. Acrescente-se a isso, o preparo e a degustação da feijoada.

A feijoada é o prato nacional por excelência. Suas origens prestam-se às mais especulativas interpretações e costuma-se apresentá-la como a expressão da fusão racial brasileira, um prato feito pelos negros com as partes menos nobres do porco e com o feijão, de origem americana, num cozido de técnica europeia (CARNEIRO, 2005, p. 76).

Esse amálgama de mundividências ocorreu a partir de uma relação desigual, no âmbito cultural, político e religioso, com predominância dos aspectos lusitanos em detrimento dos outros.

Recebemos por herança da colonização portuguesa a repulsa às relações impessoais, ao trabalho regular, metódico, sistemático. Os lusitanos que aqui vieram o fizeram sob a pretensão de fazer fortuna rapidamente por meio de exploração, conquista e ousadia, dispensando o trabalho regular. “*O ibérico não renuncia à sua leviandade em benefício de grupos e princípios.*” (HOLANDA, 1995, p.17).

A marca do brasileiro é a espontaneidade, a indolência, o provisório, a organização precária, a recusa ao espírito capitalista por acumulação de bens, traços devidamente reforçados ao longo do tempo pela Igreja Católica, cuja doutrina repelia “*(não somente)... o espírito de aquisição capitalista pela tensão entre a dimensão soteriológica da fraternidade e os valores do mundo: dinheiro, mercado, competição, bem como (rejeitava) o cálculo impessoal e abstrato*” (LÖW, 1998, p. 86).

A mensagem da letra dessa música popular, composta por Renato Teixeira, ilustra bem essa ética personalista, intimista, afetiva e sentimentalista, desapegada da ambição pelo enriquecimento à custa da dedicação persistente, do esforço manual diário e rotineiro.

De papo pro ar
 Eu não quero outra vida
 Pescando no rio de jereré
 Tem peixe bom
 Tem siri patola
 Que dá com o pé
 Quando no terreiro
 Faz noite de luar
 E vem a saudade me atormentar
 Eu me vingo dela
 Tocando viola de papo pro ar
 Se compro na feira
 Feijão, rapadura
 Pra que trabalhar
 Sou filho do homem
 E o homem não deve
 Se apoquentar
 (TEIXEIRA, 2012).

Ignorando a tessitura dessa cultura híbrida, mas suficientemente estabelecida, chegaram, em meados do século XIX, os missionários presbiterianos norte-americanos alimentados pelo objetivo de

implantar o que José Bittencourt Filho chamou de denominacionalismo importado. Para os protestantes calvinistas, incluindo nesse termo os presbiterianos, o fiel “[...] *era um soldado na conquista do mundo, da carne e do diabo*” (LEITH, 1996, p.118).

Contraopondo-se à concepção mágica do mundo adotada no Brasil, o traço marcante da religiosidade presbiteriana é a racionalidade e a coerência. Deus se revela aos homens por meio da linguagem organizada da Bíblia. Segundo os presbiterianos, “*o povo cristão aprende teologia, mesmo quando não pode articulá-la, não apenas na pregação e no ensino, mas também pelo seu modo de vida*” (LEITH, 1996, p. 244).

Para exemplificar esse desejo de “[...] *conquista do mundo, da carne e do diabo*”, vão duas citações. A primeira é da letra do hino oficial da IPI do Brasil, em sua primeira e segunda estrofes:

O PENDÃO REAL

Um pendão real vos entregou o rei, a vós, soldados seus;
Corajosos, pois, em tudo o defendei, marchando para os céus.

Com valor! Sem temor! Por Cristo prontos a sofrer!
Bem alto erguei o seu pendão, firmes, sempre, até morrer!

Eis formados já os densos batalhões do grande usurpador;
Declarai-vos hoje bravos campeões! Avante, sem temor!
(IPI DO BRASIL, 2006, no. 412).

A segunda é uma circular que um sitiante, líder leigo de protestantes de Minas Gerais, distribuiu entre os adeptos :

RECOMENDAÇÕES AOS CRENTES

- 1.O crente não pode ficar ocioso, nem mesmo uma hora por semana. Se ficar, estará perdendo tempo e roubando o sustento de sua família.
 - 2.O crente deve ter uma casa limpa, mesmo que ela seja um rancho. Ele também deve ser limpo. Jesus ama o pobre mas condena a preguiça.
 - 3.O crente não mente. Isso é condenável.
 - 4.O crente não faz dívidas. Não pagar é roubar.
 - 5.O crente não é triste. Ele é templo de Deus.
 - 6.O crente não é fanático, mas com amor procurará atrair os pecadores aos pés de Jesus.
 - 7.O crente não deixa de pagar impostos, mesmo que eles sejam pesados.
 - 8.O crente não leva arma quando vai ao culto.”
- (*apud* MENDONÇA, 1995, p. 149).

Diante de uma ética de fundo emotivo que gerou a informalidade do culto a Deus entre os brasileiros, alinhou-se uma concepção de vida disciplinada – a dos presbiterianos – que originou uma proposta litúrgica caracterizada pela reverência, pelo quebrantamento da vontade e dos sentimentos, pelo silêncio à espera da “*iluminação vinda do Alto*” (expressão comumente empregada entre presbiterianos independentes).

A assinalar, ainda, com mais intensidade, a inconciliabilidade entre essas concepções, temos a exuberância simbólica da brasileira e a pobreza de mediação com o divino que caracteriza a presbiteriana. Mesmo a “*cruz vazia*”, representação da ressurreição de Cristo, é rejeitada pela maioria de seus adeptos.

A herança reformada calvinista, escocesa e puritana legada aos presbiterianos tornou-os particularmente empenhados na 'purificação do culto'. Esta 'purificação do culto' significou, no Brasil, o repúdio às formas de expressão culturais e católicas. Se o protestantismo já o fizera, o presbiterianismo brasileiro tomou essa tarefa com mais afinco (ANGLADA, 1999, p.18).

O que marcou o anúncio do evangelho por parte dos adeptos desse “*denominacionalismo importado*” foi a demonização das manifestações culturais tipicamente brasileiras. Tal conduta foi acatada pela ala conservadora dos presbiterianos independentes e, no âmbito institucional, a ênfase da educação dispensada a crianças e jovens era – e é – o afastamento dessas manifestações, tachadas de “mundanas”.

Diante da inevitabilidade de, como cidadão, inserir-se culturalmente e a obrigatoriedade em adotar os princípios da contra-cultura, o jovem presbiteriano independente se viu diante de um impasse, que a partir de meados da década de 1950 resolveu, *grosso modo* de duas maneiras: ou assumiu comportamento e linguagem diferenciados, dentro e fora da Igreja, ou abandonou-a, mediante a constatação de que eram os mesmos líderes que exigiam pureza de seus liderados os que mais pecavam e se corrompiam :

O jovem firma sua convicção de que a igreja é formada de santos, isto é, homens e mulheres puros, que não podem falhar. Mas aos poucos sente que outra é a realidade. Os que afirmam a pureza moral da igreja são os que muitas vezes atentam contra a pureza. As falhas que o moço vê condenadas na sua vida, acha-as na vida de seus líderes religiosos; daí a decepção e o conseqüente abandono (GRAÇA, 1961, s.p.).

Por mais excludente que seja uma religião – campo simbólico organizado -, ela é um produto social e tem uma função e uma posição dentro da sociedade em que está. Segundo Bourdieu (2007), existe uma relação direta entre religião e política, de maneira que numa sociedade ocidental moderna, secularizada, que coloca o ser humano como aquele que é “[...] capaz de 'fazer' o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à própria vida” (HERVIEU- LÉGER, 2008, p. 32), a “oferta” religiosa dialoga com a “demanda” de seus clientes. A partir disso, as instituições religiosas começaram a perder sua capacidade de impor crenças e práticas. A secularização da sociedade ocidental ensejou a proliferação de crenças, fenômeno estimulado pela desterritorialidade da informação que o acesso à INTERNET possibilitou: todos podem ingressar em tudo.

Ora, detentora de uma insatisfação diante das crenças e práticas da igreja e diante de uma ampla variedade de ofertas religiosas, uma representação significativa da juventude presbiteriana independente ou adotou a dupla pertença ou abandonou a instituição.

Capítulo 3 - A TRAJETÓRIA INSTITUCIONAL DO JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE

O início do movimento jovem na IPI ocorreu em 29/1/1934 com a nomeação do pastor Eduardo Pereira de Magalhães como secretário da mocidade pelo Concílio Supremo.

Àquela época, a categoria social “jovem “ com necessidades, anseios e reivindicações diferenciadas não existia, e a nomeação, sob o ponto de vista da instituição, seguia a tendência descentralizada do sistema de governo presbiteriano e servia para dar visibilidade do campo de força jovem como executor da missão institucional da Igreja que aparece sintetizada no hino oficial da mocidade presbiteriana independente:

Mocidade, sempre avante!
 Ao trabalho de Jesus
 Do evangelho sê gigante
 E do mundo sê a luz!
 Levanta!
 Resplandece e proclama a salvação! (MATEUS, 2011, p. 78)

Contudo, não era esse exatamente o ponto de vista do nomeado. Apesar de respeitar a estrutura organizacional da IPI, como líder da juventude presbiteriana independente, lutava por disseminar dentro da Igreja uma mentalidade mais afeita às conquistas da modernização que a sociedade urbana brasileira solicitava.

Encontrou dificuldades e até oposição, o que o rev. Eduardo formalizou em denúncia do que ele denominou de “oficialismo”, isto é, a tendência dos pastores e presbíteros de tudo querer controlar na Igreja:

O oficialismo não gosta das coisas novas porque olha o passado como contendo todo o bem e toda a sabedoria, e não gosta que outros façam inovações em suas igrejas. Em regra, o oficialismo quer ficar como está, quer conservar e não progredir, impede tudo que não vai com seu paladar, e entende que o que é novo é mau e, quando aparece uma boa obra, quer apoderar-se dela para dirigi-la a seu modo (MAGALHÃES, 1938, p. 127).

Paralelamente a isso, o espírito intrépido, a impaciência e uma certa inabilidade em lidar com a diferença entre o urbano e o rural contribuíram para que a proposta do jovem líder não chegasse a impactar a mocidade. Em 1940, o rev. Eduardo pediu exoneração de seu cargo.

Na próxima década, a liderança jovem presbiteriana independente tratou de estruturar o movimento via evangelização. “*Brasil para Cristo*”, este tema, tornou-se gerador dos trabalhos evangelísticos da juventude presbiteriana independente que, entre outras iniciativas, enviou os primeiros missionários à Missão Caiuá.

Aqueles não eram tempos de twitter, blogs, sms, etc..Eram tempos difíceis , em que grandes distâncias, por vezes, eram percorridas mediante uso de animais. É interessante notar, ainda, que em alguns pontos do país, a primeira presença presbiteriana independente foi justamente dos jovens da igreja, o que demonstra o grande compromisso que mantinham com a sua instituição (MATEUS, 2011, p. 78).

A forma de atuação do movimento jovem atendia às expectativas da liderança conservadora da IPI. Sua organização foi idealizada nos anos 40 pela antiga Secretaria Religiosa em Atividades Leigas e tinha à frente Carlos René Egg. Formatada durante a ditadura de Getúlio Vargas, trazia algumas de suas características : a mobilização jovem, toda uniformizada, era bem típica desse momento. A mocidade cresceu numericamente : em 1934, contava com 22 sociedades locais e 560 jovens; em 1954, com 154 sociedades e 7200 jovens.

No governo do presidente Juscelino (JK), o Brasil ingressou no capitalismo mundial. Com a implantação das empresas multinacionais e o desenvolvimento do parque industrial brasileiro, houve o aumento da oferta de emprego nas cidades e o país passou a vivenciar um êxodo rural e um significativo crescimento urbano, acompanhado das transformações culturais correspondentes.

Esse jeito novo de produzir individualizado, burocratizado, alienado não se limitou à fábrica. Ele teve seus efeitos na própria estrutura social diminuindo os laços de solidariedade. A cooperação entre homens e segmentos sociais, que deveria [...] se estender a todas as demais esferas da sociabilidade, só se realizou na produção de bens e mercadorias. No consumo, assiste-se a uma crescente competição e disputa. O indivíduo e o individualismo podem ser vistos de maneira mais clara nas famílias modernas. (ABUMANSUR, 2001, p. 65).

Essa diminuição dos sentimentos de solidariedade invadiu as IPIs e conjugada com a ideologia discriminatória entre eleitos e não-eleitos, gerada pela interpretação da Doutrina da Predestinação, conforme Confissão de Fé de Westminster, oportunizou o enfraquecimento dos vínculos entre os adeptos. Ora, um dos eixos da doutrina cristã é o fortalecimento desses vínculos: “*Pois tive fome e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; preso e viestes ver-me. [...] Em verdade vos digo; cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos pequeninos, a mim o fizestes*” (BÍBLIA SAGRADA, N. T., Evangelho segundo Mateus, capítulo 25, versículos 35-40).

O frustrado esforço em evidenciar essa incoerência nas comunidades locais levou um grupo de jovens a abandonar a Igreja ou a se engajar na corrente progressista, libertária⁵ e nacionalista que militava em favor da unidade cristã, do ecumenismo e da luta em prol das transformações sociais. Essa luta redundou na organização, pela Igreja, de entidades que objetivavam a promoção e a inserção

⁵ A teologia protestante apropriou-se do termo liberalismo, extraído do campo da ideologia política. No âmbito teológico, a ênfase era na liberdade de pensamento e na tolerância das diferenças. A ação cristã deveria consistir na transformação do mundo pelo testemunho da Igreja.

social do menor, da mulher, do índio, do negro e do idoso. A mentalidade evangelística de combater a diferença em vez de explorá-la na ampliação de possibilidades de atuação social enfraqueceu e até impossibilitou a consecução dos objetivos. Muitas iniciativas foram abandonadas porque “*não valiam a pena*”. A salvação, segundo a doutrina reformada, não depende de obras; é dom de Deus. Mais uma vez, aplica-se a Teoria da Escolha Funcional de Stark e Bainbridge: o que as pessoas procuram é uma forma de religiosidade que lhes traga mais recompensas com baixo custo. “*Se a salvação já está garantida, pra que empenhar-se tanto?*”

A partir de meados da década de 1950, a mocidade presbiteriana independente passou a apresentar alguns focos de diferenciação bastante importantes para sua configuração futura. Um grupo de jovens passou a ter acesso a uma literatura de cunho teológico-liberal que minou o trabalho missionário, uma vez que, segundo tal teologia, a fé não é uma questão de revelação e sim de consciência. Além disso, as questões geradas a partir desse conhecimento suscitaram a necessidade de produzir respostas que os líderes de educação cristã para jovem ou não conseguiram formalizar de maneira satisfatória ou estigmatizaram as perguntas, tachando-as de manifestações heréticas, tecendo o seguinte comentário: “*Como você, presbiteriano independente de nascença, vem questionar as verdades bíblicas? Muito me espanto com isso.*”

Essa incompletude e exposição embaraçosa levaram esse segmento jovem a desqualificar a instituição e a abandoná-la.

Nesse cenário é que surgem as organizações paraeclesiais⁶ no Brasil. Sustentadas por membros de diversas igrejas norte-americanas, os paraeclesiais organizaram - e organizam – acampamentos para a juventude e defendiam a proposta de que

todos necessitam de conversão, mesmo os jovens fieis da igrejas tradicionais. O resultado é uma sensível alienação em relação à família, à Igreja e à sociedade. Ao creditar ao acampamento seu novo programa de vida, o jovem desqualifica a família que “ não soube conduzi-lo na religião”; a igreja que “não lhe deu o ambiente adequado à sua conversão” e a sociedade cujos valores ele repudia, incluindo a educação e o trabalho (MENDONÇA;VELASQUES FILHO, 2002, p.58).

Essa postura da mocidade abalou o perfil conservador da Igreja, repercutindo com mais intensidade na estrutura litúrgica que, na medida da demanda do jovem, sofria modificações significativas. Os corinhos⁷ eram introduzidos nos cultos, juntamente com os gestos e o bater de palmas.

6 Empreendimentos missionários de origem norte-americana que começaram a chegar no Brasil em 1950. Não estão ligados a nenhuma igreja em particular, mas são sustentados por membros de diversas igrejas. Agem em três níveis: evangelização de massa, acampamentos para juventude e literatura.

7 Estrutura melódica simples e intuitiva, de pequena extensão, com conteúdo emocionalista (João Wilson Faustini, maestro, regente e compositor de músicas sacras. Membro da IPI do Brasil)

As instâncias superiores da IPI só se posicionavam diante da entoação de corinhos, nos cultos e encontros, se ameaçassem a ideologia institucional. No mais, eram permitidos, sob a cautelosa vigilância das lideranças locais.

Essa abertura de expressão cültico-musical calcada em valores americanos e não-nacionais deu margem a uma reação sob a forma de canções de engajamento social, musicalizadas em ritmos brasileiros, como o baião, o samba, o maxixe, o chorinho.

Ora, o engajamento social não era visto com bons olhos dentro da IPI. Como já foi mencionado no artigo do rev. Assir Pereira- capítulo I – a identificação com o evangelho social era perigosa. “*A Igreja não deve se misturar com política*” era - e é - uma frase frequentemente proferida entre presbiterianos independentes.

Outro agravante a dificultar a inserção desse tipo de expressão cültica foi o ritmo. Segundo Parcival Módolo, coordenador do Bacharelado em Música Sacra do Seminário Presbiteriano, a marcação do tempo musical ou a frequência em que a ação se repete – o ritmo – altera a pulsação cardíaca. “*Alguns segundos após começar uma música que tem estrutura rítmica diferente daquela a que estamos acostumados, nosso pulso se altera. A ênfase no ritmo faz as pessoas pararem de pensar*” (MÓDOLO, 2010). Sendo o culto protestante marcadamente racional, provavelmente seja este o fator a justificar a rejeição, pelos presbiterianos independentes, dos instrumentos rítmicos nos cultos, bem como da expressão cültico-musical que os emprega.

Contudo, os corinhos continuaram. As organizações paraeclesiásticas realizavam encontros, acampamentos, onde eles eram cantados. Os ambientes eram informais e esse estilo descontraído de se comportar e de se vestir foi trazido para o culto pelo jovem. Aos poucos, a participação dos moços no culto se estendeu e se tornou uma unidade à parte do resto da liturgia : música, orações, prédica e testemunho. A partir de 1975, a expressão musical dos grupos se firmou numa estrutura mais elaborada : letra e música já não eram tão curtas, um mínimo de três estrofes, intercaladas por um refrão.

Naturalmente, toda essa participação dos jovens no sentido de alterar a expressão cültica teve repercussões na escolha dos temas e das propostas defendidas nas assembleias dos congressos da União da Mocidade Presbiteriana Independente(UMPI), segmento organizacional que os reunia e representava diante da Instituição. Respaldados pela abertura política vivenciada no Brasil a partir de meados da década de 1980, “*havia entre os jovens, notadamente entre os estudantes, uma vontade muito forte de se envolver em todos os espaços de atuação coletiva para transformar o mundo à sua volta*” (MATEUS, 2011, p. 79-80).

Nas instâncias superiores da IPI, o clima também era propício. O rev. Abival Pires da Silveira, que liderava um movimento por uma igreja mais aberta e progressista, foi eleito presidente do Supremo Concílio.

No Congresso de Mocidade realizado em São José do Rio Preto em 1986, a chapa que se elegeu para liderar a mocidade no próximo triênio foi a MOMENTO NOVO que emprestou da seguinte canção o seu nome. Essa canção era cantada em todo encontro de jovens, quer na Igreja local, quer na Igreja nacional.

I

Deus chama a gente pra um momento novo
de caminhar junto com seu povo.
É hora de transformar o que não dá mais,
sozinho, isolado, ninguém é capaz

Coro

Por isso, vem !
Entra na roda com a gente, também !
Você é muito importante, vem !

II

Não é possível crer que tudo é fácil.
Há muita força que produz a morte
gerando dor, tristeza e desolação.
É necessário unir o cordão!

III

A força que hoje faz brotar a vida
atua em nós pela Sua graça.
É Deus que nos convida pra trabalhar,
O amor repartir e as forças juntar.

(IPI DO BRASIL, 2006, no. 277).

Todavia, a resistência ao novo, às propostas de transformação social, voltaram a se evidenciar nas lideranças locais das Igrejas. A discussão de temas como participação na política, democracia, direitos humanos, reforma agrária, saúde, sexualidade, Teologia da Libertação, socialismo e capitalismo eram desestimuladas e, se possível, evitadas, ou até proibidas. Segundo a pesquisadora, a única proposta inovadora que gerou fruto foi a ordenação feminina, acatada ainda com reservas. Resultado: tal estado-de-coisas provocou o abandono da Igreja por parte dos presbiterianos independentes.

Herdeiros da colonização portuguesa que nos legou o tradicional personalismo e, decorrente dele, a frouxidão das instituições e a falta de coesão social (HOLANDA, 1995) que lhes permitisse uma mobilização diante de resistências locais e convencidos do desprestígio que atualmente afeta as religiões institucionalizadas (HERVIEU-LÉGER, 2008), os jovens presbiterianos independentes -os remanescentes – desenharam um novo modelo organizacional : o momentâneo, isto é, que não existe

continuidade - o compromisso dos jovens se resume a um acontecimento específico. Os eventos, denominados OXIGÊNIO acontecem em locais acessíveis a uma multidão de pessoas em que se reúnem dez ou quinze IPIs de uma determinada região e se promove uma espécie de show com apresentação de bandas.

E o que cantam ?

Sub-produtos de uma tendência musical de cunho emocional, produzida no circuito de uma indústria cultural protestante, da qual a Line Records e a Igreja Batista de Lagoinha- Ministério Diante do Trono - são expressivos representantes.

Abaixo vai a letra de uma das músicas mais cantadas entre eles:

NOS BRAÇOS DO PAI
 Pai, estou aqui, olha pra mim
 Desesperado por mais de Ti
 A Tua presença é o meu sustento
 A Tua palavra, meu alimento
 Preciso ouvir a Tua voz dizendo assim:

Vem, filho amado
 Vem em Meus braços descansar
 E bem seguro te conduzirei
 Ao Meu altar
 Ali falarei contigo
 Com Meu amor te envolverei
 Quero olhar em teus olhos
 Tuas feridas sararei
 Vem filho amado
 Vem como estás

Pai, meu Pai
 Meu papai, Abba Pai!

(SUPERGOSPEL, 2012).

Para os pesquisadores em Ciências da Religião, os sociólogos que se detêm em investigar a religião em todas as suas manifestações, para os executivos que ocupam funções de decisão dentro da IPI, fica colocado o problema:

Por que os jovens estão – ou se consideram – desesperados? (verso 2 da 1a. estrofe)

Por que os jovens estão – ou se consideram – cansados? (verso 2 da 2a. estrofe)

Por que os jovens estão – ou se consideram – feridos? (verso 8 da 2a. estrofe)

Parte II

POR QUE O JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE ABANDONA A IGREJA?

*Pesquisa de Campo, um Estudo de Caso
acerca do Abandono em cinco Igrejas
da Cidade de São Paulo*

Capítulo 4 - POR QUE O JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE ABANDONA SUA IGREJA? *Análise, Síntese e Interpretação das Informações Coletadas*

4.1. Caracterização das Igrejas quanto ao Rol de membros e Data de Organização

A abrangência do campo de pesquisa se estendeu a cinco IPIs da cidade de São Paulo, localizadas nas regiões Norte e Oeste, denominadas, para efeito de melhor acompanhamento, de igrejas A, B, C, D e E.

A igreja A foi organizada há 48 anos. Segundo a informação da Secretaria do Conselho, é composta de 70 membros, sendo que 38% deles na faixa de mais de 60 anos e 30% deles na faixa entre 29 e 50 anos.

A igreja B foi organizada há 60 anos. Segundo informações fornecidas à Assessoria de Estatística no início de 2009, era composta de 172 membros, sendo que 31% deles na faixa entre 11 e 20 anos e 26% deles na faixa entre 21 a 30 anos.

A igreja C foi organizada há 35 anos. Segundo a informação da Secretaria do Conselho, é composta de 134 membros, sendo que 25% deles na faixa de 18 a 28 anos e 21% deles na faixa de 29 a 38 anos.

A igreja D foi organizada há 32 anos. Segundo a informação da Secretaria do Conselho, é composta de 96 membros, sendo que 28% na faixa de 51 a 60 anos e 21% na faixa de mais de 60 anos.

A igreja E foi organizada há 51 anos. Segundo a informação da Secretaria do Conselho, é composta de 33 membros, sendo que 39% na faixa entre 39 e 50 anos e 30% na faixa de mais de 60 anos.

4.2. Síntese

Em três das cinco igrejas (A, D e E), os dados fornecidos acusam a predominância de membros de mais de 60 anos. A observação da pesquisadora confirma os dados fornecidos pela Secretaria do Conselho da Igreja.

Na igreja B, os dados fornecidos acusam a predominância de jovens : de 11 a 20 anos e de 21 a 30 anos. A observação da pesquisadora, procedida em reuniões de Escola Dominical e em cultos dominicais noturnos, não confirma a predominância de jovens entre 11 e 20 anos. Segundo a observação, o percentual dessa faixa etária não alcança 7%. A Secretaria do Conselho não forneceu à pesquisadora dados acerca do número de membros e respectiva faixa etária.

Os dados apurados confirmam a tendência nacional. Segundo o missionário César Orlando Ramirez, assessor de Estatística da IPI, o predomínio de membros, considerando as 512 IPIs espalhadas pelo Brasil , fica na faixa dos de mais de 50 anos.

4.3. O percentual jovem em cada igreja pesquisada

O percentual de jovens na totalidade da membresia por igreja ficou assim distribuído:

- A = 35%
- B = 66%
- C = 46%
- D = 29%
- E = 19%

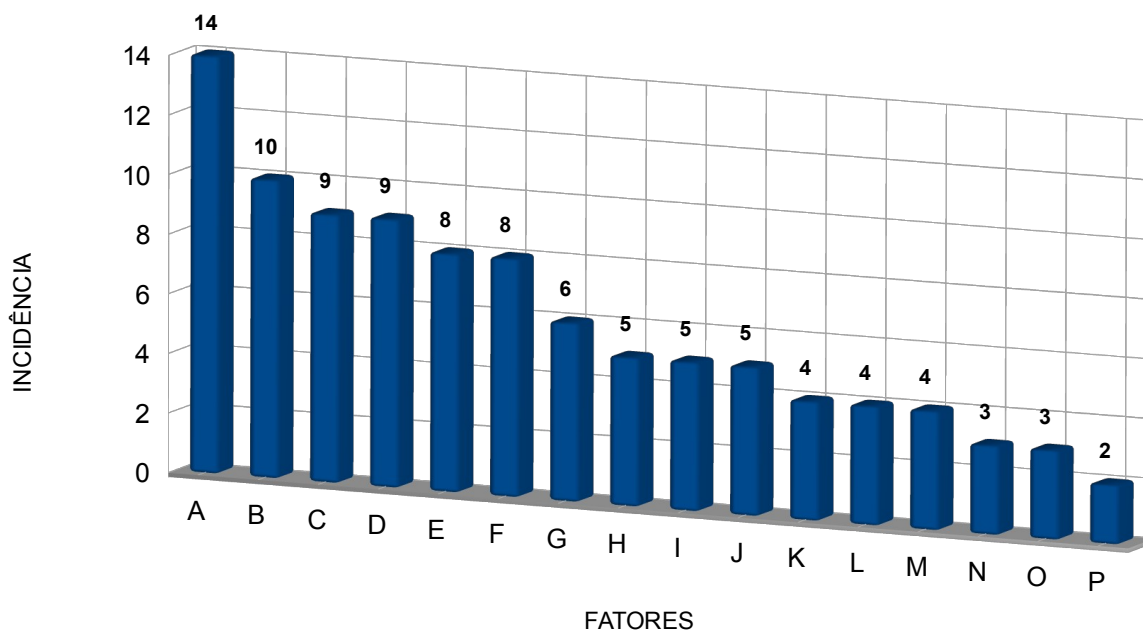
Se tomássemos por referência os limites estabelecidos pela Lei Federal 11 692/2008, que trata do Programa de Inclusão Jovem -PROJOVEM -, a faixa etária jovem ficaria compreendida entre 18 e 29 anos. Nas cinco IPIs pesquisadas, se compararmos com o parâmetro legal, os limites mínimo e máximo para o mesmo segmento de pessoas foram alargados. Mesmo assim, nas igrejas D e E, a representação jovem diante da totalidade dos membros é inexpressiva.

Será que precisamente entre 1982 e 1993 nasceram menos crianças presbiterianas independentes do que em outro período? Não existe suporte real para admitir essa hipótese como verdadeira. O que a pesquisadora observou foi uma maior incidência de abandono entre os jovens, entre aqueles de 18 a 29 anos. Os que permaneceram representam um percentual inexpressivo em relação ao total de membros. Dessa constatação, a pesquisadora inferiu que o alargamento da faixa etária estaria camuflando essa inexpressividade.

4.4. Tabulação das Respostas Fornecidas pelos Jovens em Questionários Aplicados

O questionário foi respondido por 60 jovens na faixa etária de 13 a 38 anos, que frequentam ou frequentaram as cinco IPIs pesquisadas. 78% deles frequentou a IPI durante a infância e 86% durante a adolescência. A questão 16 do referido instrumento de coleta de dados foi a seguinte :

No de Fatores	“Segundo o Relatório do Setor de Estatística da IPI, entre 2007 e 2008, a IPI teve uma perda significativa de seus membros. 3% deles deixaram a igreja. A que você atribui esse fato?”
A 14	tradicionalismo/ conservadorismo/ resistência da IPI a mudança/ alienação do contexto sócio-histórico atual
B 10	surgimento/procura de novas igrejas
C 9	insuficiência de atividades atraentes ao jovem / falta de investimento no jovem
D 9	decepções/desavenças/ desentendimentos mal resolvidos
E 8	desunião/falta de comunhão
F 8	falta de acolhimento/atenção para com os jovens
G 6	descaso/ indiferença da liderança da igreja
H 5	falta de fé e compromisso com Deus / desânimo/ problemas pessoais
I 5	busca de igrejas concorrentes com propostas compensadoras (sem compromisso)
J 5	falta de preparo dos pastores para aconselhar os jovens/ falta de preparo da liderança
K 4	sedução pelo “mundo”
L 4	prioridades não correspondem à vontade de Deus
M 4	outros
N 3	divergência doutrinária/litúrgica
O 3	ênfase na culpa / amor condicional de Deus
P 2	conveniência



Como a questão foi aberta, na coleta de dados, foi possível depreender até três fatores que levavam ao abandono numa mesma resposta, o que explica termos 60 jovens e 99 fatores.

Na cidade de São Paulo, existem mais de 62 IPIs locais: no estado, mais de 330 igrejas. Se a causa da saída do jovem fosse mudança de domicílio, ele teria quase 400 opções para não deixar a IPI. Se ele se sentiu atraído por outra denominação e abandonou a IPI, certamente o fez por insatisfação e não por falta de opção.

As respostas agrupadas como “surgimento/ procura de novas igrejas” denota apenas um fator facilitador ao abandono e não um fator determinante.

A resposta que acusa o maior número de incidência é : os membros das IPIs abandonam sua igreja porque ela é tradicional, conservadora, resistente à mudança e alienada do contexto sócio-histórico.

Na questão 17, a pesquisadora teve a pretensão de captar elementos que viessem a complementar ou enfatizar as ideias expostas na questão 16.

A questão 17 foi a seguinte :

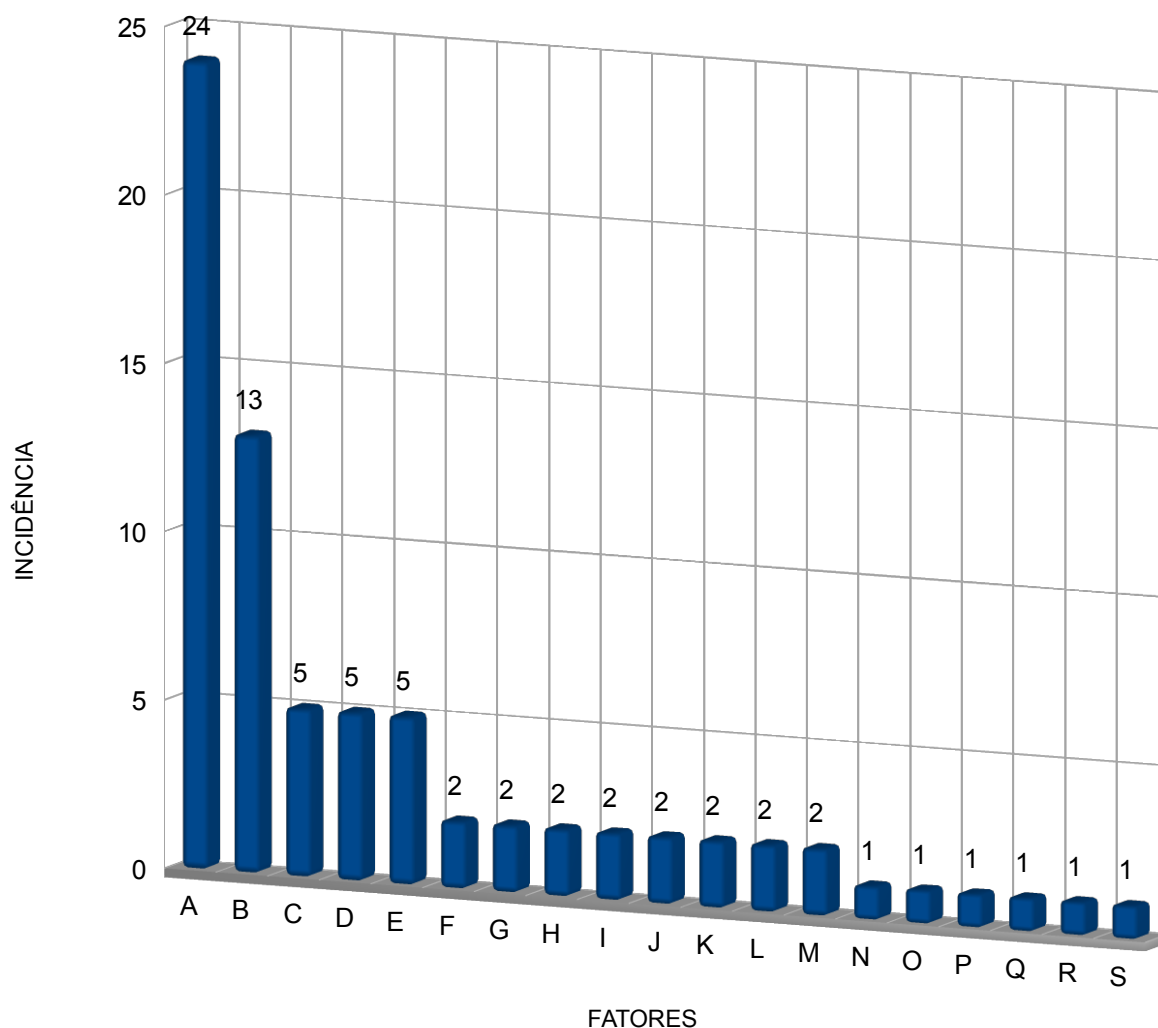
“Eu estou desenvolvendo uma pesquisa acerca dos fatores que, em conjunto, têm favorecido o abandono da IPI pelos jovens. Você teria alguma informação sobre esse assunto que gostaria de acrescentar?”

Sintetizando a tabulação das respostas individuais, obtivemos o seguinte resultado:

Q17. “ Eu estou desenvolvendo uma pesquisa acerca dos fatores que, em conjunto, tem favorecido o abandono da IPI pelos jovens. Você teria alguma informação sobre esse assunto que gostaria de acrescentar?
Se afirmativo, esteja à vontade”.

A	24	“ Não ” / não respondeu
B	13	Tradicionalismo/conservadorismo/ alienação do contexto sócio-histórico atual / necessidade de atualização e diálogo com a contemporaneidade
C	5	Sedução pelo “ mundo ”
D	5	Procura de novas igrejas
E	5	falta de orientação para o jovem pela liderança
F	2	intrigas/ posições radicais / egocentrismo
G	2	falta de preparação da liderança para lidar com os jovens
H	2	insuficiência de atividades atraentes ao jovem / falta de investimento no jovem
I	2	desunião / falta de comunhão de uns para com os outros
J	2	descaso/ falta de compromisso
K	2	falta de foco no que é mais importante
L	2	indiferença dos órgãos superiores com relação aos fatores que levam ao abandono
M	2	falta de acolhimento/ falta de reconhecimento do valor do jovem
N	1	ênfase na culpa / amor condicional de Deus
O	1	necessidade da promoção de atividades intergeracionais a fim de evitar choques
P	1	restrição da liberdade ao jovem pelas autoridades da igreja
Q	1	aumento das exigências no mundo atual (estudos, trabalho, família) diminui o tempo dedicado à igreja
R	1	cumprimento das profecias
S	1	preocupação excessiva com o que não é prioridade

Quadro 02 – Fatores que influenciaram no abandono da Igreja pelos jovens, segundo os próprios.



O fator que ocupa o segundo lugar em incidência confirma que, segundo a opinião deles, também entre os jovens que abandonaram a igreja o fator mais significativo é tradicionalismo, conservadorismo, alienação do contexto sócio-histórico atual.

4.4.1 O tradicionalismo, conservadorismo, alienação do contexto histórico atual

Em sua pesquisa de campo, a pesquisadora constatou o conservadorismo evidenciado principalmente na estratificação da linguagem escrita – e eventualmente oral – e no apego às mesmas formas de reação – aquelas que tinham antigamente – diante de outros membros da IPI que fizeram, deixaram de fazer ou disseram algo que, segundo tais “conservadores”, estavam em desacordo com a doutrina e prática das Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento.

Nos questionários respondidos pela liderança das igrejas, a pesquisadora localizou o emprego de expressões consagradas ao longo dos 108 anos de existência da IPI:

“[...] O objetivo de cada um é pregar o evangelho da salvação.”
 “... fazendo tudo o que uma igreja missionária faria, portas abertas, muita palavra, Bíblia, oração e auxílio a quem precisa.”
 “... levando a libertação às pessoas.”
 “... falamos de Jesus...”
 “... a obra é grande.”
 “... que tem dado frutos...”
 “... transformados por algo que excede toda compreensão do ser humano.”
 “... o amor de Jesus Cristo que nos salva e transforma ...”
 “missão de levar evangelho..”
 “... estar aos pés de Jesus...”
 “... a palavra também é ministrada.”
 “... muitas vidas serem salvas através do trabalho da igreja.”
 “... proclamar, pregar, levar a Palavra de Deus.”
 “... iluminação vinda do Alto.”

Em sermões ou em textos de oração públicas – isto é, audíveis por toda a congregação reunida no culto-, a pesquisadora detectou as seguintes expressões de uso comum entre os presbiterianos independentes adultos:

“... que a Palavra cale bem fundo no coração da igreja.”
 “... que o Senhor esteja nos iluminando.”
 “... que eu não venha falar de mim mesmo.”
 “... deixe-nos convictos de nossa fé em Cristo Jesus.”
 “... confessá-lo como nosso único e suficiente salvador...”
 “[...] Não sou eu que estou falando. Está escrito na Bíblia.
 “...que ele seja usado na unção do Espírito Santo.”
 “... cuidado todo especial para com as ovelhas, senão o leão vem e as traga.”
 “... hoje vemos as pedras clamando.”
 “... clamar diante das nossa necessidades e carências.”
 “[...] Esteja o Seu ouvido atento às súplicas que chegam até aqui. “
 “Nossa alma clama pelo Senhor ...”
 “Você pode não saber a resposta, mas Jesus sabe.”
 “São vidas preciosas que estão desejosas de experimentar a sua graça.”

Essas “fórmulas fixas” se repetem com certa frequência. Contudo, para o jovem sintonizado no século XXI, são expressões ultrapassadas que perderam o seu vínculo com o referente, isto é, estão distanciadas da realidade. Em cultos da mocidade, as expressões são outras :

“Muitas vezes, a gente como cristão tenta mostrar uma coisa que nem sempre a gente está vivendo”
 “Os que buscam Deus com alegria as bênçãos correm atrás.”
 “Será que você conhece a vontade do Pai?”
 “Bênção pouca é bobagem.”
 “O que faz você acordar todo dia?”
 “É só pedir perdão para buscar a Sua vontade”.
 “Perdoa, porque a gente esquece de agradecer as coisas pequenas.”
 “Com o Cebola, é tudo ok.”

“A estratificação da linguagem faz do culto protestante uma volta nostálgica ao passado. O fiel encontra a segurança proporcionada por uma linguagem que em sua imutabilidade comunica a sensação de que as coisas essenciais da vida estão ao abrigo das mutações, da transitoriedade do século” (MENDONÇA; VELASQUES, 2002, p. 163).

Outro traço conservador é a duração do sermão. Segundo Prócoro Velasques Filho, um bom sermão deve durar de 30 a 50 minutos. Em sua observação de campo, nas igrejas pesquisadas a duração do sermão ficou entre 22 e 40 minutos. Durante esse intervalo, o comportamento esperado é que se ouça em silêncio, acompanhando com atenção a mensagem que é transmitida.

A audiência é composta, também, de jovens habituados a jogos de computador, de celular, a sites de relacionamento onde a conectividade é instantânea e a desconectividade também. Se de repente, a conversa fica aborrecida, é só deletar o outro e buscar outras conexões. Ora, durante o sermão, não há interação e deletar não é possível em experiência presencial. É preciso suportar. A pesquisadora observou o comportamento de alguns jovens durante o sermão : uma lixava as unhas, outro dormia e ainda, outro desenhava.

Quanto ao conteúdo da mensagem, *“exige-se que o sermão se ocupe da situação de pecado em que vive a humanidade, da graça salvadora proporcionada por Deus em Jesus Cristo e da responsabilidade humana na escolha entre a permanência no pecado e a opção pela salvação”* (MENDONÇA; VELASQUES, 2002, p. 160) .Contudo, as ilustrações , e até mesmo os argumentos empregados, são distanciados da problemática vivenciada pelo jovem.

O depoimento de uma jovem que deixou a IPI esclarece a diferença de conteúdo entre os sermões assistidos nela e na Igreja da qual ela participa hoje:

Hoje frequento uma igreja chamada [...], onde 80% dos membros são jovens. Os jovens se convertem e levam seus pais para a igreja, diferente do que eu vi a minha vida inteira. O que vejo é que os jovens ali são confrontados em todos os cultos sobre assuntos como sexo antes do casamento, drogas, desobediência, rebeldia, etc... Coisas que na minha adolescência não se ouvia muito na Igreja. (R. C., 28 anos)

A pesquisadora acredita que, para evitar o confronto e a crítica centralizados neles, muitos jovens assumem o papel de críticos também. Na Igreja B, havia um desinteresse generalizado às aulas acerca do livro de Apocalipse que se desenrolava durante os estudos na parte da manhã do domingo, mas quinze jovens estavam lá para ouvi-la, às vezes com indisfarçável má vontade. Alguns eram mais autênticos , faltavam ou chegavam bem atrasados. Eram censurados pelos outros que já estavam lá, eram tidos como irresponsáveis, preguiçosos, etc..

Os sentimentos que as críticas despertavam nos criticados ficaram bem explicitados no depoimento dessa jovem que não faz mais parte da IPI:

Antigamente eu não tinha autoestima. Quando fui viver na Noruega, passei a ser mais independente, passei a fazer as coisas e percebi que a 'proteção' da igreja e as punições que eu sofreria se pensasse ou fizesse algo de outra maneira senão aquela citada na Bíblia me limitavam. Eu creio em Deus, mas me sinto mais livre! (J.D., 27 anos)

O conservadorismo também atinge as atitudes diante do que o presbiteriano independente classifica como pecado. Na Igreja D, um casal, cuja atividade sexual antes do casamento redundou em gravidez, foi disciplinado. Diante da transgressão da regra – sexo antes do casamento-, o Conselho se reuniu e resolveu disciplinar os dois. isto é, chamar o casal diante da Igreja, relatar o motivo da disciplina e puni-lo, no caso, com a proibição de participar da Eucaristia por meses. Diante da Igreja, por ocasião do culto noturno, o casal foi chamado pelo pastor para receber a disciplina. Os dois não estavam presentes mas foi relatado o motivo da disciplina à audiência reunida.

Segundo constatou a pesquisadora, não existe aconselhamento aos jovens que namoram, nem se trata do tema educação sexual em momento algum na Igreja.

Não é somente a educação sexual que não é focalizada. Questões acerca da diversidade com que as pessoas se apropriam da fé, acerca de teologias não adotadas pela IPI e questionamentos acerca da “compreensão” preconceituosa de fatos sociais da atualidade não são bem recebidos pelos membros e a insistência do questionador pode comprometer seu relacionamento com o grupo.

Entendo o culto como espaço máximo de demonstração e da vivência religiosa coletiva. A vivência religiosa coletiva parte do pressuposto de que as manifestações do grupo são conhecidas e interpretadas por todos os participantes a fim de que as formas de expressão manifestadas naquele momento tenham um sentido único para todos os sujeitos envolvidos. Nisso, encontramos a atribuição de sentido nos gestos, nas danças, na música, no choro, nas falas, na contrição. (DOLGHIE, 2007, p. 78).

O conservadorismo e o tradicionalismo também se projetam no ideal de expressão musical cültica dos presbiterianos independentes, que adotam oficialmente o modelo bipolar do culto protestante : a prédica (o sermão) e a música, sendo que a finalidade pedagógica e evangelística do culto faz com que concebam a expressão musical como ênfase da expressão oral (prédica), como recurso complementar à fixação doutrinária.

Sob esse princípio pedagógico- evangelístico, a expressão cültico-musical se apresenta sob a forma de cântico congregacional, cântico coral e de outros grupos vocais menores, acompanhados pelo órgão ou pelo piano, sendo que a mensagem estética – a música – tem menor importância que a mensagem textual – a letra – e esta, está a serviço do elemento mais racional do culto : o sermão. Esse modelo bipolar é reverenciado pelos conservadores como uma característica da identidade denominacional.

Contudo, esse perfil de culto vem sendo confrontado pelos jovens presbiterianos independentes por meio de uma produção musical auto-suficiente e desvinculada da mensagem do sermão. Entre uma seleção de músicas e outra, existe um momento de “ministração”, isto é, uma breve fala, uma mensagem que, necessariamente, não tem compromisso com aquela desenvolvida na prédica.

Para sua expressão musical, o jovem se vale da guitarra elétrica, da bateria, de palmas e, às vezes, do tímpano, do pandeiro e do reco-reco. As músicas são executadas em volume considerado ensurdecador para os membros adultos.

Segundo um diácono da Igreja D, a música jovem “fustiga os ouvidos” e desconcentra o pastor durante seu sermão. E exemplifica : há uns três anos atrás, existia um conjunto jovem na Igreja que não respeitava ninguém. Só aparecia no culto na hora de tocar e, se essa participação era intercalada com o sermão do pastor, o guitarrista ficava perturbando a atenção de todos ao dedilhar as cordas do instrumento durante a prédica. Um dia o diácono “não aguentou” e foi conversar com o moço após o término do culto.

“ - *O rapaz foi grosseiro comigo e eu me impus. Então, ele saiu chorando da Igreja e nunca mais voltou. Fez bem. Aqui não era mesmo o lugar dele.*” (R.A.T., 58 anos)

4. 4.2. Insuficiência de Atividades Atraentes ao Jovem/ Falta de Investimento no Jovem

Ao se deparar com a incidência razoavelmente expressiva desse fator, a pesquisadora ficou a se perguntar o que seriam “atividades atraentes ao jovem”.

Invariavelmente, os membros das cinco Igrejas que foram objeto de estudo se reúnem aos domingos à noite. Durante a semana, alguns projetos de ação social são desenvolvidos, alguns à tarde e outros, à noite. Os jovens não costumam comparecer a nenhum deles.

A configuração espacial da edificação, em geral, consiste de um espaço cúbico – com púlpito e bancos -, salas para reuniões por faixa etária – com mesas, cadeiras e às vezes, lousa e giz- , um salão social – com cadeiras e mesas, a cozinha e os banheiros. Excetuando-se em uma delas, não existem quadras de esporte ou gramados ou pistas para se andar de bicicletas. Nessa em que existe quadra de esportes, a pesquisadora não observou o uso dela pelo elemento jovem da Igreja. A organização e operacionalização de uma *lan house* não é reivindicação do jovem que, em geral, possui seu próprio computador e, mesmo que fosse, não haveria condição financeira para tal investimento.

A única atividade prazerosa que a pesquisadora constatou entre os jovens foi a participação nos ensaios do conjunto musical. Contudo, metade dos jovens que comparece aos cultos não participa desses ensaios.

Se entendermos investimento como emprego de capital (dinheiro) na expectativa de obtenção de lucro, pode-se dizer que há investimento no jovem: a aparelhagem multimídia e os instrumentos musicais foram adquiridos com verba proveniente da contribuição dos membros. Isso em troca da permanência deles na instituição. Essa é a percepção da pesquisadora.

4.4.3. Decepções, Desavenças, Desentendimentos mal Resolvidos e Falta de Comunhão

Apesar de o discurso oficial enfatizar a necessidade de que o corpo de membros conviva em harmonia, a pesquisadora presenciou casos de desentendimentos mal resolvidos que redundaram no abandono da igreja pelo jovem presbiteriano independente.

Algumas vezes, para evitar discussão, um confronto de forças, um dos interlocutores de uma discussão se cala, mas se magoa. Como a situação não é retomada, essa mágoa reprimida, em geral, acaba dificultando a comunhão entre os membros.

O relato de uma jovem que não congrega mais entre os presbiterianos independentes explicita essa situação:

Eu, minha mãe e meus irmãos éramos membros. Meu pai, pleiteando a vereança da cidade, por meio do pastor, solicitou o apoio da igreja. O pastor ficou transtornado com o pedido e, praticamente gritando, disse: “- O que o senhor está pensando? Que a igreja é o seu curral eleitoral? Eu e o Conselho desta Igreja nunca nos prestaremos a esse serviço!!!”. Meu pai ficou surpreso com a reação. O resto da família sentiu-se envergonhada e a partir daí deixamos de ir. (C.M., 26 anos)

O relato de um líder jovem da igreja acerca de uma discussão mantida com um presbítero:

Nós nos desentendemos quanto aos motivos do não atendimento a uma reivindicação da coordenadoria local pelo Conselho. O ambiente já estava bem 'carregado' quando eu disse a ele :

- É por isso que esta Igreja não vai pra frente. Por causa de presbíteros como o senhor!!!

- Com quem você pensa que está falando? Com uma de suas 'negas' ?

E boa parte dos jovens estava assistindo aquilo. Não voltei mais.” (T.S., 24 anos)

Pela observação da pesquisadora, a decepção ocorre, em geral, pela interpretação que o desertor confere à omissão :

[...] sempre fui um membro ativo na época em que estive na IPI. Cumpria todos os horários de ensaio e sempre assumi em primeiro lugar meus compromissos com a igreja, mas no começo deste ano de 2011 tive muita dificuldade em relação ao grupo de Louvor pois era líder do ministério e comecei a perceber que as pessoas do grupo não estavam tendo responsabilidade e compromisso com o grupo, cheguei a fazer algumas reuniões e inclusive deixei bem claro que por varias vezes tive vontade de deixar o grupo de louvor, e que também estava orando pedindo a orientação de Deus para uma mudança, mas via que as pessoas não fizeram o mesmo e nem se importaram, enfim, acabei tendo de ficar ausente da igreja por um tempo devido ao meu trabalho e por já estar esgotado por causa da situação, várias vezes tive de fazer o louvor da igreja sozinho por causa da falta de compromisso das pessoas e isso foi desgastante fiquei um longo tempo afastado percebi que nem o grupo de louvor e nem os membros e até mesmo a liderança da igreja se importaram em me ligar para saber como eu estava, ou até mesmo para saber porque eu não estava indo, isso para mim foi um fato muito relevante para minha saída da igreja [...] (N.F.S., 28 anos).

Esse “não importar com o outro” é uma queixa constante, não somente entre os jovens, mas também entre a membros adultos nas cinco igrejas pesquisadas.

Na Igreja A, o pastor, após uma preleção acerca do perdão, chama uma senhora que havia assistido ao culto para posicionar-se à frente. No passado, ela tinha sido membro da Igreja e “acabou se desviando”. A fim de recebê-la novamente na “comunhão” da Igreja, ele fez a seguinte pergunta:

- A senhora está disposta a abandonar sua vida de separada de Cristo para a vida de comunhão na Igreja?
- Sim.

Então, ele pergunta à congregação :

- Os irmãos a recebem? Os irmãos perdoam a irmã?
- Sim – responderam “em coro”.

O pastor dirige-se à senhora:

- Você está de parabéns. Receba o abraço de nossa Igreja. A grande família esta muito contente contigo.

Depois ele ora e a cerimônia termina por aí.

À saída, uma senhora, que conhecia aquela que foi perdoada, comentou com esta:

- Vamos ver se você se arrependeu mesmo. Vamos ver se na próxima tentação você não tem uma recaída.

A arrependida não voltou mais à Igreja.

4.4.4. Falta de acolhimento

Nas cinco igrejas pesquisadas, não existe uma comissão de acolhimento ao visitante. A recepção se resume a um aperto de mão e, às vezes, um abraço no momento da reunião coletiva em que se apresentam os visitantes aos membros.

Em uma revista institucional, publicada por uma das IPIs mais antigas, aparece o testemunho de uma professora de universidade que, no caso, se aplica bem a esclarecer o que o presbiteriano independente concebe como acolhimento: “[...] é preciso, acima de tudo, reconhecer a necessidade de cada indivíduo que ali se apresenta, entendê-lo como filho do mesmo Pai e que, por esta razão, merece todo o carinho e amor daqueles que compõem o corpo vivo da Igreja” (PINTO, 2006)

Ao associar o abandono da Igreja pelo jovem presbiteriano independente à falta de acolhimento, a pesquisadora acredita que aquele(a) que respondeu ao questionário tenha considerado a ausência do carinho e amor.

Alguns exemplos citados anteriormente servem para ilustrar essa falta. Mas gostaria de acrescentar mais um, relatado por uma das três amigas citadas :

Éramos três amigas da mesma idade. Estudávamos juntas, saíamos juntas e frequentávamos a mesma Igreja. Isso, desde pequenas. A família de uma de nós possuía uma casa na praia e, às vezes, íamos até lá passar as férias. Aos dezessete anos, uma começou a trabalhar de recepcionista numa locadora de automóveis. Distanciou-se um pouco de nós, mas aos domingos ainda nos encontrávamos durante os trabalhos na Igreja. De repente, a notícia “estourou” : 'Fulana – uma delas – está grávida!! - Como foi isso? Uma menina tão ajuizada...'

Nós duas, ao sabermos, resolvemos ir visitar a amiga. Para dar uma força – sei lá...- Mas os pais não permitiram :

- Por quê? Sempre fomos amigas e...
- Não. Ela não é uma de nós.
- Como?
- Ela se envolveu com gente perdida e mostrou o que sempre foi. Alguém como essa gente (M.S.T.).

4.5. Relatos a Partir da Observação Direta

Em sua pesquisa de campo, além dos fatores apontados pelos jovens em suas respostas aos questionários, a pesquisadora constatou situações evidenciadoras da representação que os presbiterianos independentes construíram de si mesmos e que, a título de complementação, merecem ser mencionadas.

Desde agosto de 2010, o coral da Igreja A estava ensaiando uma cantata para o Natal. A regente era bastante exigente e os coralistas tinham melhorado significativamente. Os mais seguros chegavam a se reunir com os mais hesitantes para que todos pudessem aprender bem e não 'dessem um fiasco na hora h'.

Uma das coralistas, muito entusiasmada com o resultado de seus esforços e enxergando uma proximidade temática entre a mensagem de algumas músicas e aquelas que o Departamento Infantil estava ensaiando desde setembro – também para o Natal- sugeriu à regente ensaios do coral junto com

as crianças objetivando uma apresentação conjunta no dia.

A regente não aceitou :

- O tema das letras exige reflexão por parte da congregação. O jeito descontraído das crianças vai quebrar o clima necessário.

A apresentação conjunta não aconteceu.

Essa procura por excelência de desempenho em apresentação também atinge o grupo de louvor.

Na igreja D, além de ensaiarem os cânticos escolhidos pelo dirigente do louvor, reservava-se um de livre escolha dos componentes como possibilidade de ser cantado no domingo à noite. Num determinado ensaio, justamente o canto escolhido, após quase uma hora de tentativas, não estava saindo a contento, segundo a opinião do dirigente.

- Não está bom. Se não ficar perfeito, não poderemos cantar.
 - Mas nós estamos fazendo o melhor possível. Eu acho que devemos cantar, mesmo assim.
 - Para o Senhor reservamos o perfeito louvor.
 - Se esperarmos o perfeito, nunca iremos cantar. Ninguém é perfeito e gostamos tanto dessa música...

E o grupo de louvor, no culto de domingo à noite, não entoou o cântico de que tanto gostava.

Coerentemente com essa postura, a pesquisadora observou que o presbiteriano independente não costuma elogiar as iniciativas realmente louváveis dos “irmãos”. Certa vez, perguntei a um presbítero o porquê desse rigor e excesso de reserva. Ele me disse que o elogio poderia despertar o sentimento de soberba do agraciado. *“Além do mais”,* disse ele, *“ Deus merece muito mais, algo bem melhor do que tudo aquilo que podemos fazer!”*.

Em contrapartida, se criada a oportunidade de o presbiteriano independente enunciar sua opinião sobre o resultado de algum trabalho, de algum estudo, de alguma apresentação, ele é especialista em criticar. E, algumas vezes, mesmo que sua opinião não seja solicitada, ele ainda deprecia.

Certa vez, uma professora das crianças organizou e apresentou uma comemoração relativa ao Dia das Mães durante o encontro matutino. Houve um jogral e um dos garotos, não muito habituado a ler em voz alta, tropeçou em algumas palavras.

No encerramento das atividades do período da manhã, um presbítero foi à frente e criticou com

dureza a apresentação das crianças.

A professora desistiu de lecionar no Departamento Infantil.

Provavelmente, essa predisposição a não elogiar ou a depreciar as iniciativas da criatura humana absolutamente relegada à condição de fragilidade e imperfeição tenha a ver com o estilo reformado de ser cristão: disciplina na exibição dos sentimentos e da piedade pessoal. “*Quem a si mesmo se exaltar será humilhado e quem a si mesmo se humilhar será exaltado*” (MATEUS 23:12) A conduta de não elogiar e somente tecer críticas talvez seja a maneira de educar o presbiteriano independente no sentido de adotar esse perfil ético.

Contudo, “*Nós, da mesma forma que não somos capazes de viver sem comer nem dormir, não somos capazes de compreender quem somos sem o olhar e a resposta dos outros.*” (ECO; MARTINI, 2001, p.83)

E se a resposta dos outros ressaltar nossa insignificância, que catastrófica será a construção de nossa auto-imagem!

Talvez a recusa dos jovens em aceitar serem votados ao presbiterato nas igrejas tenha a ver com essa auto- imagem.

Considerações finais

Com o intuito de investigar a permanência ou não de um traço que caracterizaria os presbiterianos independentes, faremos uma abordagem diacrônica: aproximaremos duas declarações a respeito do jovem, uma de um passado recente, outra do momento atual.

Em julho de 1962, na assembleia do Supremo Concílio da IPI, o rev. Abival Pires da Silveira, recém-formado, compareceu como delegado representante.

Um dos pastores da ala conservadora da Igreja, que há muito circulava nas assembleias, propôs o fechamento do Seminário Teológico pois, segundo ele, as ideias que ali circulavam eram perigosas no sentido de contaminar a Igreja com o ecumenismo.

O rev. Abival, então, se pronunciou contrariamente à proposta de fechamento, uma vez que por meio do Seminário era que a Igreja se renovava, mantendo seu compromisso enquanto denominação reformada: *“Ecclesia reformata et semper reformanda”* (Igreja reformada, sempre se reformando).

O pastor conservador pediu a palavra novamente, solicitando à Mesa Administrativa – que dirigia os trabalhos- que fizesse uma repreensão ao rev. Abival.

Em resposta, a fala do rev. Seth Ferraz – que presidia os trabalhos- foi emblemática: - *Deixa como está. É só um jovem falando. Daqui a cinco minutos, todo mundo esquece.*

Em outubro de 2010, a pesquisadora colheu o depoimento de um dos líderes da Coordenadoria Nacional da Mocidade Presbiteriana Independente:

A gente ouve muito o discurso de que os jovens não têm compromisso, blá, blá, blá, mas acho que a grande parte dos problemas está nos nossos líderes que têm usado esta geração apenas como mero objetos para tomar conta dos outros, ou como agentes organizadores de eventos, não dando aos jovens a devida importância, carinho e amor (M.M.A, 28 anos).

Se destacarmos, ainda, as declarações do pastor Eduardo Pereira de Magalhães acerca do oficialismo, publicadas em 1938 e transcritas no capítulo II deste estudo, teremos de ceder às evidências : excetuando-se algumas experiências locais que não repercutem no todo, a categoria social “jovem” continua a não existir entre os presbiterianos independentes.

Ressalvadas algumas raras exceções, a educação cristã dispensada na formação da juventude presbiteriana independente é marcada pelo descompasso metodológico entre a transmissão da teologia reformada e a maneira de ser do homem do século XXI.

Se considerarmos, em primeiro lugar, apenas o desenvolvimento de habilidades cognitivas, teríamos de admitir, inicialmente algumas questões: quem é este jovem ? Qual é o seu “universo”, sua cosmovisão? Qual sua aspiração fundamental? Quais os meios de que se utiliza para conhecer as coisas? Como se caracteriza sua espiritualidade? Que atitudes costuma assumir diante do que é novo? Que imagem este jovem tem de Deus? Como este jovem concebe a edificação da fé?

Nas igrejas em que foi desenvolvida a observação, a pesquisadora não detectou, na operacionalização pedagógica, evidências de preocupação com tais questões.

Em uma delas, ao procurar a sala onde aconteceria a aula para os jovens, ficou sabendo que há quatro semanas as aulas simplesmente não aconteciam. Dois jovens estavam sentados com seus pais na sala reservada à aula dos adultos. Questionando o professor dos jovens acerca da causa da ausência deles às suas aulas, ele disse: *“Não sei. O que sei é que não é pela violência que vamos conseguir.”*(A. A., 46 anos). E comodamente se dirigiu ao local onde aconteceria a aula dos adultos.

Certa vez, os professores do Departamento Juvenil de uma IPI resolveram organizar uma reunião de pais. Descontando o empenho e a persistência que tiveram de demonstrar para que tal reunião acontecesse, constataram por meio de um questionário de apenas três questões que os pais ignoravam tanto os objetivos quanto os assuntos abordados, apesar de os alunos levarem para casa, todo domingo, a revista de estudos para que eles – os pais – pudessem acompanhar e reforçar, na vivência, os tópicos ali abordados.

Em outra igreja pesquisada, deixaram a critério dos alunos da classe de jovens a escolha do assunto a ser tratado. A pesquisadora não presenciou em que condições ocorreu essa escolha. O que ela pôde verificar é que o estudo sobre Apocalipse não contava com o interesse deles e que a interação professor-aluno, que deveria se processar num ambiente de cordialidade, respeito e mútua colaboração, ocorria num clima de competição, o que inviabilizava o crescimento espiritual tanto dos alunos quanto do professor. Nessa mesma igreja, diante da ausência do professor de adolescentes por três semanas, ficou resolvido que eles deveriam assistir aula sobre Apocalipse junto com os jovens. A resistência dos adolescentes a assunto tão “espinhoso” foi absolutamente ignorada. A atitude de repulsa deles, suas expressões fisionômicas durante a explanação do professor mereceriam um estudo à parte.

Contudo, se abordarmos, ainda, em segundo lugar, aspectos relativos ao desenvolvimento do espírito crítico do jovem, a situação fica ainda mais difícil. Salvo raras exceções, nas aulas de educação cristã dirigida a jovens

Funciona assim. A princípio, tomamos a Bíblia como uma fonte inesgotável de verdades. A utopia da revelação.[...] cada pessoa deve ler o texto bíblico, sem a mediação de qualquer instituição; é o 'livre exame das Escrituras'. Mas a bibliografia evangélica termina por se mostrar contraditória em seus demais critérios. Afirma-se que a mensagem bíblica é inconfundível, tendo em vista sua 'infalibilidade'. Suas verdades são inegáveis, sua 'inerrância' o pressupõe. É um guia primaz para a vida, este afinal é o seu papel como 'único padrão de conduta e fé'. Nossa confiança nele deve ser absoluta, pois Deus nada tem a dizer menos nem mais do que nela está declarado. Na altura do campeonato, já ficou evidente que a fonte inesgotável secou. Tanta certeza, tanta confiança, tanto padrão não propiciam espaço para o imprevisível, o novo, o surpreendente, o misterioso. (GOUVÊA, 2012, p. 7).

Parece que se o professor deixar de apresentar absoluta coerência e certeza diante daquilo que ensina, ele compromete tanto seu papel de educador, quanto a credibilidade daquilo que está sendo ensinado. Seu procedimento de certeza se estabelece num conteúdo narrado, coerentemente sustentado, principalmente se ele, professor, não for interrompido. Cabe ao (bom) aluno a memorização mecânica dos conteúdos e relações, um escutar “dócil”, sem dúvidas ou questionamentos.

Naturalmente, numa sociedade em que o indivíduo “*é capaz de 'fazer' o mundo no qual ele vive e construir ele mesmo as significações que dão sentido à sua própria existência*” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 32), esse procedimento de tentar determinar a contribuição intelectual do jovem aluno no ato de educar ocorre veladamente, por meio da postura do professor diante do que ensina, seu tom de voz, sua atitude diante das ocasionais intervenções do aluno, por meio do tempo que o educador gasta para discorrer sobre o assunto não oportunizando o diálogo, etc.

Ora, tal atitude castradora nega o caráter dialético que subjaz na construção da sociedade moderna.

[...] o processo dialético fundamental da sociedade consiste em três momentos, ou passos. São a exteriorização, a objetivação e a interiorização. [...] A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. [...] O processo de interiorização deve ser entendido como apenas um momento do aspecto dialético maior que também inclui os momentos de exteriorização e da objetivação. Se isso não é feito, emerge um quadro de determinismo, no qual o indivíduo é produzido pela sociedade, como o efeito é produzido pela causa na natureza. Tal quadro distorce o fenômeno social. [...] O indivíduo é modelado como uma coisa passiva, inerte. Ao contrário, ele é formado no curso de uma prolongada conversação [...] em que ele é participante (BERGER, 1985, p. 16 e 31).

De uma maneira geral, o adulto presbiteriano independente, além de não saber lidar com opiniões, pontos de vista que confrontem os seus em assuntos em que pretensamente se encontra familiarizado, tem rejeitado tratar de determinados temas que julga “proibidos” pela instituição. Ele se omite, se cala e a juventude acaba se informando por qualquer meio que lhe dê acesso.

Vivemos na cultura dos meios de comunicação de massa, na qual a ação repressiva prima pela inoperância. Se a geração adulta persistir em desconhecer e não discutir com os jovens, em momento que julgar oportuno, a respeito desses assuntos, além de retardar ou dificultar o desenvolvimento do discernimento crítico deles, aprofundará o distanciamento entre as gerações e alimentará sua prática de abandonar a Igreja.

É imprescindível ter em mente que a vida pressupõe movimento, diversidade, tensão, mudança.

A propósito, negar-se à vida não é, segundo a Bíblia, caminhar no sentido de neutralizar a missão de Jesus que disse: “[...] *eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.*” (BÍBLIA SAGRADA, N.T., Evangelho segundo João, capítulo 10, versículo 10)?

Abordemos a situação sob outro aspecto.

Mesmo que a liderança denominacional seja mais aberta e até receptiva no sentido de verificar a possibilidade de acatar alguma mudança defendida por um segmento específico, sua disposição se neutralizará diante da autoridade dos concílios. É princípio do sistema de governo presbiteriano que a autoridade da Igreja reside nos concílios e na igreja local o concílio que representa essa autoridade é o Conselho.

A pesquisadora verificou que nas igrejas pesquisadas não existe representação jovem dentro dos Conselhos. Provavelmente isso tenha a ver com a qualificação tradicional dos líderes. Na igreja cristã primitiva, eram os “*presbiteros*” que conduziam a adoração e o culto, ensinavam por meio das Escrituras e disciplinavam os membros da congregação. “*Presbutero*” quer dizer [ancião].

Possivelmente, essa falta de representação não se tornasse problema se os presbíteros apresentassem condições de representatividade dos jovens. Contudo, como representá-los se o representante não comparece às reuniões de jovens, às suas festas, aos ensaios do grupo de louvor, aos seus passeios ou a qualquer atividade informal em que poderia conhecê-los? Como conhecê-los se não procura compreender o que eles sentem, de que necessitam, qual a natureza dos desafios que enfrentam? Como, então, o presbítero requer para si a imagem de autoridade natural se toma os jovens como receptáculos de seus valores, práticas e conhecimentos, alçados à condição de símbolos legítimos da identidade presbiteriana independente?

As prováveis respostas a esses questionamentos nos levaria a, pelo menos, levantar a hipótese de que a representatividade conciliar em algumas igrejas esteja aleijada.

Detenhamo-nos no aspecto autoridade. “*Art. 7o. - Segundo a forma presbiteriana de governo, a autoridade em que Cristo investiu a sua Igreja pertence ao todo: aos que governam e aos que são governados.*” (Constituição da IPI do Brasil. In: LIVRO DE ORDEM, 2005, p. 17).

Parafraseando o texto, a autoridade foi concedida a todos: aos membros que detêm o direito irrevogável de eleger seus oficiais e aos eleitos que o exercem. Dentro do sistema presbiteriano independente, o exercício de autoridade pelos presbíteros está submetido a alguns parâmetros, normatizados sob a forma de competências no artigo 61 da respectiva Constituição.

O portal da Instituição foi reorganizado recentemente e o texto da Constituição encontra-se lá, possibilitando leitura e “download”, mas, considerando o teor de minhas observações, parece não ter sido consultado pela totalidade dos jovens nas IPIs pesquisadas. No jornal institucional, na seção Legislação Eclesiástica, há menção de alguns artigos e respectivos comentários, bem desenvolvidos por sinal, mas é subsídio insuficiente àqueles que precisam conhecer a totalidade do documento, isto é, todos os membros.

Sem conhecer a legislação, fica impossível formalizar uma avaliação acerca do desempenho próprio ou acerca do desempenho dos oficiais em suas respectivas competências.

E as eleições, que seriam um instrumento de conquista democrática no sistema de governo da Igreja, banaliza-se: “*voto em sicrano porque ele já é presbítero há muito tempo e deve conhecer*

como a instituição funciona; voto em beltrano porque ele já está acostumado a isso; não aceito ser eleito porque não estou disposto a tolerar as severas críticas a que serei submetido”.

E a composição dos Conselhos permanece quase a mesma por anos e anos.

Isso confere aos presbíteros uma situação bastante cômoda: consolida-se, individualmente, o que se denomina autoridade de ordem: no ensino, na celebração de ofícios religiosos e, coletivamente, o que se denomina autoridade de jurisdição, na administração e na disciplina dos membros.

O posicionamento oficial da IPI quanto a questões litúrgicas denomina-se Ordenações Litúrgicas que não apresentam um tom categórico ou excludente. São orientações sucintas e gerais sobre quem é o centro do culto, o lugar da música no culto, o lugar da congregação, a liberdade das formas de culto.

Detentores do poder assim constituído, o concílio local se arvora o direito de legitimar algumas representações e desqualificar outras. A informalidade expressiva, introduzida no meio protestante a partir da década de 1950 é um exemplo bastante frequente de desqualificação.

[...] O protestantismo (e também o presbiterianismo independente) desde a introdução dos corinhos e cânticos, tem tentado criar discursos que legitimem a proibição das novidades musicais nos cultos (que) foram tachadas de pentecostais, mundanas, sensuais e até demoníacas.” (DOLGHIE, 2007, p. 224).

Esse procedimento de qualificar ou desqualificar pretensamente fundamentado na identidade presbiteriana independente contribuiu, também, para o abandono da Igreja pelo jovem. Em algumas comunidades, a reação da Igreja a esse abandono apresenta contornos interessantes. Ela passa a tolerar tudo o que os jovens querem fazer, espaldada no raciocínio de que *“é melhor que façam diante de nós do que afastados de nós. Pelo menos aqui eles recebem alimento espiritual.”* Essa tolerância gera o abandono de parte de outros segmentos: quem não consegue tolerar o som ensurdecedor, a exacerbação da emocionalidade e da displicência litúrgica deixa a Igreja.

E o jovem? Fica satisfeito? Não. Nem sempre o que ele quer é aquilo de que ele precisa.

A incorporação do teor dessa declaração poderia ajudar a evitar que redundasse em fracasso a mobilização da Secretaria de Educação Cristã no sentido de oferecer material didático aos jovens por meio da edição de três revistas para estudo em que se deu *“total apoio e liberdade para que a liderança da UMPI escolhesse os temas, os títulos, os autores, bem como a forma de diagramação, capa, etc. Obviamente, revisão e conteúdo doutrinário estão sob a supervisão da Secretaria de Educação Cristã”*(O ESTANDARTE, abril de 2012, p. 23). Alguns cuidados adicionais quanto à adequação de linguagem e à regularidade na produção do material foram tomados. O objetivo é “[...]”

voltar, em nossa amada IPI, aos bons tempos em que nossos jovens povoavam a Escola Dominical⁸” (ibidem, p.23).

Algumas questões se colocam.

Será que os jovens deixaram de frequentar a Escola Dominical pela falta de material apropriado à sua faixa etária ? Será que voltariam a frequentar mediante a produção e uso desse material?

Como se dará a interação entre o professor de jovens e o material produzido “[...] *por autores escolhidos pela própria galera da UMPI espalhados por várias regiões de nosso país*” (O ESTANDARTE, abril de 2012, p. 23)?

Considerando a necessidade de reconfiguração, por parte da geração adulta – e particularmente da liderança local- de posturas cristalizadas, qual seria a probabilidade de o processo de reflexão gerado pelo acesso a esse material redundar em ações que contribuíssem ou favorecessem o suprimento das carências espirituais, existenciais ou sociais dos jovens ?

Ou, levando-se em conta as condições atuais e o acesso a esse material, qual o “modelo” de jovem presbiteriano que é possível construir? A quem esse “*modelo*” vai satisfazer? Ele concretizará um estilo de vida que revela a convicção teológica e ética esquadrihada pela tradição reformada? O que está pressuposto nesta tradição reformada que inviabiliza o diálogo com uma sociedade globalizada, híbrida e em constante transformação?

Um conceito de ser humano que tem se sustentado no decorrer da história é de que ele – o ser humano- é um ser de relações. Relação consigo mesmo e com o mundo. Urge a necessidade de mudanças a fim de recuperar posturas que deem conta do todo, cuja garantia de persistência no tempo é diretamente proporcional ao grau de abertura que mantiver com a cultura em que esse todo está inserido.

Sustentar ou legitimar o discurso de isolamento em benefício de uma pretensa pureza contraria as tendências contemporâneas dessa cultura, tornando o empreendimento presbiteriano independente inviável.

Para finalizar, vai a transcrição da síntese brilhante que John Leith elaborou acerca da forma de atuação da igreja reformada em tempos de hoje:

8 Escola Dominical: estudo bíblico, desenvolvido nas IPIs, nos domingos de manhã, em classes organizadas por faixa-etária.

A Igreja precisa inventar novas maneiras de tradicionalizar a fé e a vida cristãs. Precisa reaprender como dar apoio real aos jovens em seu desenvolvimento e direcionamento de vida. Ela tem de descobrir como proteger e nutrir a família cristã contra as forças sociais que a destroem. A fé e a vida da comunidade cristã precisam ser tradicionalizadas, transmitidas com autoridade, numa sociedade que oferece à pessoas liberdade e meio de escolha de suas tradições. Nessa sociedade, muitos serão contra as tradições. Outros tornar-se-ão vítimas de tradições estranhas e perniciosas. Por isso, a Igreja tem de tornar-se criticamente consciente a respeito da natureza das tradições e dos problemas de tradicionalização da fé e de um modo de vida, numa sociedade livre, secular e mutável (LEITH, 1996, p.26).

Referências bibliográficas

ABUMANSSUR, Edin S. **Moradas de Deus**: representações arquitetônicas do espaço sagrado entre protestantes e pentecostais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.(Tese de doutorado em Ciências Sociais) São Paulo, 2001.

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Reforma: solução de vida para a crise**. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1999.

ARAÚJO, Gessé Moraes de. Minhas inquietações como pastor. In: **O Estandarte**, ano 118, no. 1, São Paulo, 2010, p. 51.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. São Paulo: Paulus, 1985.

BERKENBROCK, Volney J. **A experiência dos orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé. RJ Petrópolis: Vozes, 1998.

BÍBLIA SAGRADA, revista e atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica no Brasil, 2ª edição, 1993.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz Religiosa Brasileira**: religiosidade e mudança social. RJ, Petrópolis: Vozes, 2003.

BROWN, Peter. **Quando ser bom não basta**. São Paulo: Editora Vida, 1995.

CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. In: **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005. Editora UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewFile/4640/3800>>. Acesso: abril de 2012.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Editora Cortez, 1991.

CONFISSÃO DE FÉ E CATECISMO MAIOR. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1984.

DOLGHIE, Jacqueline Zioldo. **Por uma Sociologia da Produção e Reprodução Musical do Presbiterianismo Brasileiro**: a tendência gospel e sua influência no culto. Disponível em “por uma sociologia”. Pdf (secured)- Foxit Reader, 2007 Acesso em agosto/2011

ECO, Umberto; MARTINI, Carlo M. **Em que crêem os que não crêem ?** 5ª. edição. Rio de Janeiro: Record, 2001

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 32a edição, 1997.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Piedade pervertida** – um manifesto anti-fundamentalista em nome de uma teologia de transformação. 2a edição. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

GRAÇA, Xel de Sant'anna. Por que o jovem foge da igreja? In: **Revista Coroa Real**, órgão oficial da Mocidade Presbiteriana Independente do Brasil, 1961, Ano I, no 3, s.p.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O Peregrino e o Convertido**: a religião em movimento. RJ, Petrópolis: Vozes, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26a. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

IPI DO BRASIL. **Relatório da Assessoria de Estatística (2009)**. Disponível em: <<http://www.ipib.org/>>. Acesso: março de 2010.

_____. Caderno de Atas: Assembleia Geral, Comissão Executiva, Sínodos e Presbitérios. In: **O Estandarte**, ano 119, no 05, maio de 2011.

_____. **Cantai Todos os Povos**. São Paulo: Editora Pendão Real, 2006, no. 412.

_____. **Caderno de O Estandarte: Raízes da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil**. São Paulo: Editora Pendão Real, julho de 2003.

_____. **Livro de Ordem**. São Paulo: Editora Pendão Real, 2005.

IPI ROLIM DE MOURA. **Coordenadoria Local do UMPISMO – ESTATUTO**. Disponível em: <http://ipirolim.com.br/index.php?option=com_docman&Itemid=206>. Acesso: abril de 2012.

LEITH, John L. **A Tradição Reformada**: uma maneira de ser a comunidade cristã. Traduzido por Eduardo Galasso Faria e Gerson Correia de Lacerda. Edição revista. São Paulo: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1996.

LÉONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**. São Paulo: JUERP & ASTE, 2a edição, 1981.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. **Protestantes em Confronto**: conservadores e liberais na época de Vargas (1930-1945). São Paulo: Editora Pendão Real, 2005.

LÖWY, Michael. Ética católica e o espírito do capitalismo: o capítulo da sociologia da religião de Max Weber que não foi escrito. In: **Revista da Cultura Vozes**. RJ, Petrópolis, no 1, ano 92, 1998.

MAGALHÃES, Eduardo Pereira de. **A Marcha da Mocidade Evangélica**. São Paulo: Centro de Divulgação Cultural, 1938.

MATEUS, Marcos Pedroso. Juventude Independente: o que fomos, o que somos e o que queremos ser. In: **Alvorada, a Revista da Família**, órgão oficial da Secretaria Nacional das Forças Leigas da IPI do Brasil, ano XLII, no 66, São Paulo, terceiro trimestre de 2011, p.78-79.

MATOS, Alderi Souza de. **Puritanos e Assembleia de Westminster**: os puritanos: sua origem e sua história. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7058.html>>. Acesso: novembro de 2011.

MENDONÇA, Antônio Gouvea de. **O Celeste Porvir**. São Paulo: Aste, Pendão Real -São Paulo e Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia e Ciências da Religião- São Bernardo do Campo, 1995.

_____ ; VELASQUES, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2a. Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MÓDOLO, Parcival. A música na Igreja. In: **Música Sacra e Adoração**. Disponível em: <http://www.musicaeadoracao.com.br/artigos/meio/musica_igreja_parcival.html>. Acesso: agosto de 2010.

MOROSINI, Luiz Carlos. Cuidando uns dos Outros. In: **O Estandarte**, Ano 119, no. 6, São Paulo, 2011, p.3.

PEREIRA, Assir. Quatro décadas são passadas. In: **O Estandarte**, Ano 117, no. 5, São Paulo, 2009, p. 3

PINTO, Anamelea de Campos. Mais que evangelizada, fui acolhida. In: **Visão 2006**, órgão oficial da Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo. São Paulo, 2006, p. 6.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei 11692, que dispõe sobre o **Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem**. Brasília, 2008.

STARK, Rodney. **O Crescimento do Cristianismo**: um sociólogo reconsidera a história. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____ ; BAINBRIDGE, W. **Uma Teoria da Religião**. São Paulo: Paulinas, 2009.

SUPERGOSPEL. **Nos braços do Pai (letra)**. Disponível em: <<http://www.supergospel.com.br/letras/letra.php?letra=723>>. Acesso: abril de 2012.

TEIXEIRA, R. De papo pro ar. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/renato-teixeira/383698/>>. Acesso: março de 2012.

ANEXO A – Carta à IPI solicitando consentimento

São Paulo, de _____ de 20__.

Ao

Conselho da

(Nome da igreja)

(Endereço da igreja)

Prezados senhores,

**ref.: consentimento para desenvolver projeto de
pesquisa**

Sou membro da IPI do Brasil há 26 anos e, no momento, curso pós graduação, “lato sensu”, em Ciências da Religião.

Pretendo desenvolver um projeto de pesquisa acerca do crescimento numérico da IPI do Brasil, notadamente nas igrejas locais da cidade de São Paulo.

A *(nome da igreja)* apresenta perfil compatível para integrar o processo de observação participativa na coleta de dados para o meu trabalho.

Para tanto, solicito o consentimento desse Conselho para observar, participar, analisar e sintetizar as iniciativas da comunidade no exercício de sua vocação missionária.

Esclareço que os dados coletados terão aplicação exclusivamente acadêmica, ficando resguardados o anonimato e a privacidade dos participantes.

Na expectativa de sua atenção, subscrevo-me

em Cristo.

TELMA ANDRADE CALDEIRA

Contatos (da pesquisadora):

e-mail:

fores :

Recebido em __ / __ / __

De acordo:

Nome

Assinatura

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Identificação do Participante

Nome _____ nascido(a) em ___ / ___ / ___

E-mail _____ telefone _____

Eu, que abaixo assino, estou esclarecido (a) sobre os objetivos da pesquisa, sobre meus direitos e concordo em participar respondendo o questionário abaixo.

São Paulo, _____ de _____ de _____

assinante do participante

O (a)participante deve preencher e assinar as duas cópias deste Termo de Consentimento. Uma cópia fica com o (a) participante e a outra acompanha o questionário.

ANEXO C – Questionário para líder

QUESTIONÁRIO PARA LÍDER

1. A história e a vida da

a) Quando o templo foi construído? Quem ajudou ?

b) Houve divisões no decorrer da vida desta Igreja? Se houve, por quê? O que pensam os que ficaram a respeito do grupo que saiu?

c) Como se caracteriza a membresia? (classe social, faixa etária, mais conservadores ou mais avivados?) Qual o relacionamento com a vizinhança ?

d) Como o número de membros aumenta ? (fator preponderante)

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> nascimento | <input type="checkbox"/> transferência |
| <input type="checkbox"/> profissão de fé | <input type="checkbox"/> evangelismo |

e) Qual seria, em sua opinião, a causa do maior número de desistência do rol de membros?

- divergência de natureza doutrinária
 rigidez disciplinar
 enfraquecimento do laço afetivo com o grupo
 mudança de domicílio

f) Qual a reação da membresia diante da deserção ?

- insistência para que o desertor volte
 indiferença

g) Quais as iniciativas da Igreja na divulgação do Evangelho para aqueles que não o conhecem?

2. Sustento do ministério

a) Qual é a origem do dinheiro que sustenta a missão da Igreja?

b) Quais os dois setores em que a Igreja emprega maior valor do dinheiro que arrecada?

ANEXO D – Questionário para obreiro**QUESTIONÁRIO PARA OBREIRO****1. Você é**

- membro da IPI (nome da igreja) simpatizante

2. Você frequenta

- há menos de dois meses
 de 3 meses a um ano
 há um ano e meio
 há mais de um ano e meio

3. Quanto tempo semanal de trabalho voluntário você dedica a sua igreja?

- uma hora duas horas três horas mais de três horas

4. No que consiste o seu trabalho voluntário?

- visita aos membros afastados
 evangelismo
 cursos
 organização de reuniões sociais
 participação em reuniões sociais
 organização de estudos bíblicos
 participação em estudos bíblicos

5. Você vem com regularidade à Igreja

- aos domingos de manhã
 aos domingos à noite
 à reunião de minha sociedade específica
 às atividades sociais

6. Para você, qual é a missão da Igreja?

7. Como a IPI (nome da igreja) tem se empenhado para cumprir esta missão?

ANEXO E – Questionário para jovens

QUESTIONÁRIO PARA JOVENS

1. Qual é a sua idade? _____
2. Você trabalha fora? Sim Não
3. Em que cidade você viveu sua infância? _____
4. Em sua infância, você frequentou a IPI? _____
5. Se frequentou a IPI, qual a atividade de que enquanto criança mais gostava lá? Por quê?

6. Se não frequentou, o que você mais gostava de fazer quando era criança? Por quê?

7. Em sua adolescência, você frequentou a IPI? Sim Não
8. Se frequentou a IPI, qual a atividade de que você, enquanto adolescente, mais gostava lá? Por quê?

9. Se não frequentou, o que você mais gostava de fazer quando era adolescente? Por quê?

10. Você desenvolveu algum tipo de atividade na Coordenadoria de Jovens da IPI? Se afirmativo, que atividade foi?

11. Você gostava de desenvolver essa atividade? Por quê?

12. Você já participou do conjunto musical de jovens da IPI? Se afirmativo, responda se gostava de participar.

13. Se a resposta for afirmativa para a questão 12, escreva por quê.

14. Na sua opinião, qual deveria ser a função do coordenador de jovens na IPI?

15. Na sua opinião, qual deveria ser a função do dirigente de louvor na IPI?

16. Segundo o Relatório do Setor de Estatística da IPI, entre 2007 e 2008, a IPI teve uma perda significativa de seus membros. 3% deles deixaram a igreja. A que você atribui esse fato?

17. Eu estou desenvolvendo uma pesquisa acerca dos fatores que, em conjunto, têm favorecido o abandono da IPI pelos jovens. Você teria alguma informação sobre esse assunto que gostaria de acrescentar? Se afirmativo, esteja à vontade.

ANEXO F – Questionário aos pastores em atividade**QUESTIONÁRIO AO PASTOR _____**

1. A Assessoria de Estatística da IPI divulgou entre 2007 e 2008 que a Igreja perdeu 3% de sua membresia. A que o sr. atribui este fato?
2. Para pastorear bem as crianças, que perfil deve ter o pastor?
3. Para pastorear bem os adolescentes, que perfil deve ter o pastor?
4. Para pastorear bem os jovens, que perfil deve ter o pastor?
5. Para pastorear bem os adultos, que perfil deve ter o pastor?
6. Para pastorear bem os idosos, que perfil deve ter o pastor?
7. Suponha que o senhor seja pastor de uma igreja em que um membro, que tem sua esposa e seus três filhos atuantes nos trabalhos semanais, esteja pleiteando a vereança da cidade e pedisse o apoio da Igreja. Qual é a sua opinião acerca do posicionamento que o conselho devesse tomar: apoiar - como daria esse apoio? o que diria ao resto da membresia a respeito desse assunto? ou não apoiar - como argumentaria com o membro e sua família?
8. Suponha que o senhor seja o pastor de uma IPI e que sua Igreja tenha 25 jovens participando ativamente da Coordenadoria. Suponha ainda que esses jovens tenham combinado de assistir, num domingo à tarde, um jogo de futebol nas dependências da mesma. Considere que o senhor não foi informado oficialmente desse encontro. mas que ficou sabendo antes que ele ocorresse porque os jovens comentaram o assunto entre si. Qual a sua atitude diante da situação? Qual a atitude do Conselho diante da situação?
9. Suponha que o coral da IPI que o senhor pastoreia possua 35 coralistas. O regente - João- é muito competente e simpático, mas vai deixar sua Igreja para reger o coral de uma multinacional. Esporadicamente, ele conta com a ajuda voluntária de um amigo - Antônio- para auxiliá-lo no ensaio dos naipes. O Conselho da Igreja não tem conhecimento oficial do auxilio prestado pelo Antônio que apresenta acentuada tendência homossexual. Como a saída de João é irreversível, os coralistas se reúnem e resolvem solicitar do Conselho que admita Antônio como substituto de João. Redigem uma solicitação que vai assinada por 30 dos coralistas. Segundo a orientação da Palavra de Deus, qual deveria ser o posicionamento do Conselho diante da situação? Por quê ?

ANEXO G – Dados das Igrejas para a pesquisa**DADOS DAS IGREJAS PARA A PESQUISA**

IPI _____

Número de membros professos

Sexo masculino

Sexo feminino

Entre 18 e 28 anos

Entre 29 e 38 anos

Entre 39 e 50 anos

Entre 51 e 60 anos

Mais de 60 anos

Número de membros dizimistas

Sexo masculino

Sexo feminino

Entre 18 e 28 anos

Entre 29 e 38 anos

Entre 39 e 50 anos

Entre 51 e 60 anos

Mais de 60 anos

ANEXO H – Entrevista com o profissional liberal**ENTREVISTA COM O PROFISSIONAL LIBERAL**

em / / 20 .

1. Bom dia, professor. Eu estava lendo sua ficha publicada na edição no. 3 da revista COROA REAL, órgão oficial da mocidade presbiteriana independente na década de 60. Ela registra que o senhor, àquela época, foi acadêmico de Teologia na Faculdade de Teologia de IPI do Brasil, onde exerceu o cargo de presidente do Centro Acadêmico Eduardo Carlos Pereira. Construa, aqui para nós, o perfil do jovem seminarista presbiteriano independente a partir dessa sua experiência.

2. Pelas informações desse mini currículo traçado aqui na revista pude observar que o senhor era atuante na liderança entre os jovens presbiterianos independentes. Sei também que à época surgiu entre os protestantes uma corrente progressista que discerniu a necessidade e a oportunidade de lutar em prol de transformações sociais. Esses jovens intelectuais se congregaram na Confederação Evangélica do Brasil que promoveu encontros entre pastores, leigos e teólogos com cientistas sociais. Qual foi a participação dos jovens presbiterianos independentes nessa iniciativa?

ANEXO I – Entrevista com o Reverendo Abival Pires da Silveira

ENTREVISTA COM O PR. ABIVAL

1. Bom dia, reverendo. [...] Eu estive lendo sua entrevista à revista VISÃO do 2o. Semestre de 2006. Ela registra que o senhor nasceu em Bofete e que entre 1959 e 1961 cursou a Faculdade de Teologia da IPI, juntamente com o curso de Filosofia na USP. “Uma coisa era defender minhas ideias dentro do seminário por meio de trabalhos acadêmicos a partir de livros como Por que eu não sou cristão? de Bertrand Russell e outra coisa era confrontar diretamente com ateus, comunistas, que faziam gozação da minha fé, da minha vocação e com os quais eu tinha de conviver e debater ideias filosóficas e teológicas.” Como o senhor, alguns ou muitos jovens presbiterianos independentes sofriam zombaria por causa de sua fé, de sua ética... CONSTRUA PARA MIM O PERFIL DO JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE A PARTIR DE SUA EXPERIÊNCIA.

2. Em 1960 e 1961, época em que o senhor era um jovem seminarista presbiteriano independente, a igreja passava por um momento difícil. Dentro da própria faculdade, existia a ala progressista, adepta ao ecumenismo e ao Evangelho Social, e ligada ao Conselho Mundial de Igrejas por meio dos rev. Richard Shaull e do rev. Aharon Sapsezian e também a ala conservadora, detentora da tradição presbiteriana. A qual das duas o senhor pertencia? Por quê ?

3. Eu li um livro a respeito da história da Igreja Presbiteriana chamado “*Inquisição sem Fogueiras*” que denunciava o clima de opressão, de repressão em que a mocidade presbiteriana vivia entre 1961 a 1980, quando a situação começou a ficar mais arejada. Não existe, pelo menos não é de meu conhecimento, publicação alguma do período sobre a IPI. A que o senhor atribui esse fato ?

ANEXO J – Entrevista com o professor Leonildo Silveira Campos

ENTREVISTA COM O PROFESSOR LEONILDO SILVEIRA CAMPOS

1. Bom dia, professor Leonildo.(...) O senhor é pastor presbiteriano independente, professor da Faculdade de Teologia da IPI e possui vasta experiência dentro do ambiente Igreja. Em 1964, tempo difícil para os brasileiros, o senhor era um jovem atuante entre os presbiterianos independentes. GOSTARIA QUE O SENHOR CONSTRUÍSSE PARA MIM NESTE MOMENTO O PERFIL DO JOVEM PRESBITERIANO INDEPENDENTE A PARTIR DE SUA EXPERIÊNCIA.

2. Tenho aqui comigo um artigo do presbítero Marcos Pedroso Mateus, ex- coordenador da juventude da IPI do Brasil. Nele, o presbítero expõe cronologicamente e comenta a trajetória do jovem presbiteriano independente e em 1986 ele para e daí resume rapidamente o que aconteceu depois : “ [...] Encerrado o mandato, o 'Momento Novo' passou a ser representado pela chapa ' Consolidação ' que, embora vitoriosa no Congresso da Mocidade, enfrentou reações conservadoras e maiores dificuldades com a direção da igreja; enfraquecida, não conseguiu força suficiente para dar sequência a esses ideais e projetos.” O senhor conseguiria ser mais explícito? Que forças conservadoras são essas? Que dificuldades os jovens tiveram de enfrentar com a direção da Igreja? Ou o senhor não vê a realidade sob a perspectiva que o presbítero Marcos colocou?

3. Eu estive lendo em O ESTANDARTE de dez/2011 o resumo do que foi o encontro OXIGÊNIO SUL da CNU. Muita emoção, muito louvor, lasers, canhões de luz, projeção e máquinas de fumaça deixaram o ambiente bem “irado”, mas nenhuma proposta de organização, de atuação coletiva, nenhum compromisso com a missão da Igreja. A que o senhor atribui a ausência desses fundamentos?

ANEXO K – Entrevista com o Reverendo Xel de Sant'anna Graça

Sou aquela pesquisadora da PUC que esteve na 1a. IPI no domingo retrasado. O senhor me forneceu o seu endereço eletrônico e, então, tomei a liberdade de lhe escrever.

Estive lendo o livro MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA (Vozes, 2003), de José Bittencourt Filho, a fim de conhecer um pouco acerca do papel da Confederação Evangélica do Brasil na conjuntura político- social daquele momento.

Segundo ele, no período JK (1956-1960), O Brasil ingressou no capitalismo mundial e a modernização econômica, política e cultural do Brasil estava implantada. A partir do esgotamento do projeto modernizador, abriu-se uma profunda reflexão acerca "[...] da função social do protestantismo." Diante de três alternativas, uma minoria entendeu que o caminho mais apropriado seria uma luta conjunta das denominações protestantes em prol das transformações sociais então em curso. Essa minoria veio a constituir " [...] a corrente progressista, libertária e nacionalista do protestantismo brasileiro. As lideranças e os intelectuais pertencentes a esse segmento encontravam-se à época congregados na Confederação Evangélica do Brasil, em particular, no seu Setor de Responsabilidade Social."(p. 126)

A partir disso, pergunto :

1) Quais as iniciativas da CEB(Confederação Evangélica do Brasil) no sentido de alavancar " [...] as transformações sociais então em curso" ?

2)Como foi a recepção dessas iniciativas dentro da Igreja Presbiteriana Independente?

O senhor me disse ter exercido a função de Secretário Geral no Departamento da Mocidade da CEB.

A partir disso, pergunto:

3)Que expectativas a cúpula da IPI tinha acerca de seu desempenho junto a CEB?

4)Que expectativas a CMPIB (Confederação da Mocidade Presbiteriana Independente) tinha acerca de seu desempenho junto a CEB?

5)Quais as iniciativas de atuação social que foram elevadas a efeito pelo Departamento da Mocidade da CEB nesse período ?

6)A CEB foi extinta em 1964. Atualmente o senhor vê resquícios "[...] da corrente progressista, libertária e nacionalista do protestantismo brasileiro" em qualquer segmento presbiteriano independente? Se afirmativo, em qual?

ANEXO L – Entrevista com o Reverendo Valdomiro Pires de Oliveira

O senhor participou ativamente na produção de uma hinódia que, segundo Jacqueline Zirolto Dolghe (Por uma Sociologia da Produção e Reprodução Musical do Presbiterianismo Brasileiro), vinha "como um tipo de reação [a outra] calcada em valores americanos e não-nacionais. Eram canções de engajamento social, fruto da politização da juventude estudantil da classe média e, posteriormente, da teologia da libertação." (p. 211)

A partir disso, pergunto:

1. Como foi construído esse sentimento coletivo de engajamento social, que propostas e compromissos gerou?
2. Qual foi a reação da liderança da IPI diante dessas novas ideias?
3. E os jovens? Que iniciativas levaram a efeito a partir dessa nova consciência?

O GRUPO CAFÉ , do qual o senhor fez parte, buscou a inserção dos valores nacionais na música protestante brasileira.

4.Exemplifique essa inserção na letra de algumas canções.

5. Onde as canções eram gravadas? Onde eram entoadas?

6.Quais as estratégias de marketing utilizadas para promover as canções diante da juventude?

7.O hinário CANTAI TODOS OS POVOS incorporou algumas dessas canções. Esta é a única iniciativa que conheço no sentido de registrar para o futuro esse movimento musical. Existem outras? Quais?

8.O senhor também exerceu atividades teatrais por meio do AREÓPAGO. Resuma a experiência do grupo.

9. Alimentando a experiência musical e teatral, existia uma concepção de missão, de função social do protestantismo. José Bittencourt Filho em MATRIZ RELIGIOSA BRASILEIRA, denominou-a de "corrente progressista, libertária e nacionalista". Atualmente, o senhor vê resquícios dessa concepção entre os presbiterianos independentes? Em caso positivo, exemplifique.